

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

UMA PUPILA RICA
Joaquim Manuel de Macedo

Título original:

UMA PUPILA RICA
Comédia em 5 atos

por
Dr. Manuel Joaquim de Macedo¹
1840²

¹ Erro do manuscrito. O nome correto é Joaquim Manuel de Macedo. Ver Nota Informativa.

² Erro do manuscrito. Ver Nota Informativa.

Ato Iº

Sala de estudo e de trabalho de senhoras: duas portas ao fundo: ao lado direito uma porta ao fundo e janelas abrindo para o jardim: piano, harmônico ou harpa, músicas, mesa contendo frutas, papéis, álbum, estojos de desenho, bastidores ricos para bordados, grande espelho, mobília elegante e apropriada, ornamentos, quadros de trabalhos de seda e de flores, flores naturais e vasos.

Cena 1ª

Firmino e Teodora

Teodora

Isso não... eu não posso deixar de convidar Estefânia: sei que o sobrinho tentou fazer ou mesmo fez a corte a Corina e sou capaz de jurar que a tia não foi estranha a isso; mas tua pupila repelia definitivamente a um, e eu te asseguro que hei de espantar a outra.

Firmino

Todavia! conhecer-lhes as intenções e chamá-los para casa é o maior dos erros: bastam as visitas com que eles me importunam...

Teodora

Queres que eu rompa minhas relações com Estefânia?... digo-te que não vale a pena lembrar a pretensão já anulada de Fortunato... sabes, se também devo ter cuidado...

Firmino

Bem. (toma nota a lápis) Vá mais d. Estefânia e seu sobrinho Fortunato. (dobra o papel) Dezoito

convidados: não passo além.

Teodora

Por exceção valia a pena dar um baile: o filho do barão do Lago Azul se vaneceria do obséquio: asseguro-te que ele está cativo de Júlia.

Firmino

Parece, mas começamos errando: embora Teófilo já tivesse uma vez encontrado Júlia em casa de tua irmã, devias quando esse mancebo te foi apresentado anteontem, limitar-te a oferecer-lhe a nossa amizade.

Teodora

Foi isso que fiz, já te disse vinte vezes; conheces porém a cabecinha de nossa filha: apenas minha irmã fez-lhe o presente da boneca, propôs logo o batizado, declarou-se madrinha, e convidou para padrinho Teófilo que aceitou encantado. Que poderia eu dizer?...

Firmino

Júlia está muito adiantada! convém abrir-lhe os olhos, ou pelo contrário aconselhá-la a não abri-los tanto...

Teodora

Inocência de menina...

Firmino

Inocência?... o batizado é pretexto para festa, e a boneca é chamariz de bonecas.

Teodora

Ainda bem que o boneco é filho de fazendeiro riquíssimo.

Firmino

Sim, o partido é ótimo: todavia ... tua irmã foi casada com um parente de Teófilo: foi ela quem deu a boneca a Júlia; a festa do tal batizado bem poderia ter sido determinada para sua casa... eu faria as despesas: depois convidaríamos Teófilo a jantar conosco...

Teodora

Isso não tem senso comum, Firmino; minha irmã é uma pobre parálitica, e somos nós que temos interesse em atrair o filho do barão do Lago Azul.

Firmino

E só por esta razão cedi, mas vê bem que as reuniões e saraus em nossa casa por ora não possa convir-nos: Corina já fez 15 anos, e apesar do retiro em que a temos, é patente o cerco que lhe fazem: depois do dr. André de Araújo, conto mais dois pretendentes ao seu dote.

Teodora

Devias tê-la deixado presa no colégio até que ela se resolvesse.

Firmino

No colégio até os quinze anos! Já estaria casada sem vontade própria, sem audiência minha, e sem licença do juiz dos órfãos.

Teodora

E por causa de Corina há um ano que suspendemos os nossos saraus! É preciso acabar com isso!

Firmino

Maldita ambição dos homens! Se Corina não tivesse seus duzentos contos de réis, nem pensaria na minha pupila. Poucos a têm, e ela tem mais pretendentes do que Júlia: eu até desconfio de Teófilo...

Teodora

De quem a culpa? Desde alguns meses Corina podia estar casada com o meu Carlos, se não te obstinasses em querê-la para o filho da tua primeira mulher!

Firmino

Recomeças, Teodora!...

Teodora

Sempre me fizeste a vontade; agora, porém, queres sacrificar meu filho à memória e ao amor da tua defunta: é porque sou muito menos amada do que ela o foi.

Firmino

Reflete, Teodora: teu primeiro marido foi rico, e na herança paterna Carlos possui bom princípio de fortuna, o meu Peregrino não herdou um real de sua mãe e assim...

Teodora

Tenho eu culpa de que a tua defunta não tivesse onde cair morta? Há dezessete anos que o teu Peregrino gozou, não pouco, do que me deixou o pai de Carlos. Não basta?...

Firmino

Neste assunto hei de resistir aos teus caprichos.

Teodora

E ainda há pouco falavas na maldita ambição!... Que tutor modelo és tu, Firmino!...

Firmino

Principias a ofender-me!...

Teodora

Se me provocas!... Eu quero Corina casada com o meu Carlos!

Firmino

Que inocente paixão por Corina!..

Teodora

É como a tua... melhor do que a tua!

Firmino

Corina é minha pupila! Sou eu que tenho direitos sobre ela.

Teodora

Menos a de condená-la a ser desgraçada com teu filho, que só quer empolgar-lhe o dote...

Firmino

Empolgar-lhe!... ah! mas se fosse Carlos... Teodora... isto não é decente... acabemos...

Cena 2^a

Firmino, Teodora e Suzana

Suzana

Não é decente, não: (avançando) os criados podem ouvir!

Firmino

Tia Suzana!

Suzana

Acabo de voltar da igreja com a alma cheia de consolação, e, entrando em casa, acho logo um

desgosto!... Por que não procuram a igreja, como eu?...

Teodora

Minha tia...

Suzana

Vocês viveram bem até hoje. Deus nosso Senhor estava nesta casa; que tentação maligna os expõe à perder a celeste graça?...

Teodora

Nós nos amamos, como antes, minha tia. Tivemos apenas arrufos sem consequência.

Suzana

Não, eu sei o que é. Desde algum tempo vocês disputam a miúdo, e nem sabem guardar a disputa para a hora e o lugar em que o sacrário dos esposos se fecha aos olhos e aos ouvidos da família. Essa indiscrição é o castigo da ira, como essa luta cruel em que estão, é o castigo de ambiciosa avareza.

Firmino

(a Teodora) E esta? É bem feito: aturamo-la agora.

Suzana

Tenho-os ouvido por vezes... custara-me a confundi-los com a verdade... hoje não posso mais... o dever da consciência o manda: é por amor de vocês que vou falar...

Teodora

(a Firmino) Tem paciência, ouçamos o sermão da santa velha.

Suzana

Meus filhos, uma órfã é criatura sagrada. Por isso mesmo que na terra perdeu seus pais, por isso mesmo que é raro o tutor que sabe servir de pai, ela é a filha mimosa do Pai do céu: das lágrimas

da cruz, uma lágrima é a sagração da paternidade divina da órfã. Quem atormenta a órfã, flagela a Jesus.

Teodora

Que quer dizer, minha tia?...

Suzana

Corina é órfã e está marcada para vítima da ambição do ouro: sua vida se resume em duas palavras: — sofrer por ter.

Firmino

Tia Suzana!

Suzana

É a verdade que devo fazer-lhes ouvir.

Corina é rica, e só porque é rica o tutor a quer para seu filho, a esposa do tutor a exige para o seu e discordes nesse antagonismo de ambições, conspiram de acordo contra a liberdade da órfã, premeditando o seu sacrifício...

Firmino

Senhora!...

Teodora

(a Firmino) Deixe-a falar; é inofensiva.

Suzana

A órfã vive enclausurada: Júlia vai ao teatro, aos bailes, aos passeios, e Corina fica sempre com a velha Suzana. Júlia canta, dança e toca na sociedade para atrair admiradores, e Corina não tem direito de ostentar as mesmas prendas que, aliás, possui; Júlia se mostra em toda a parte para ser desejada e amada, e Corina só por acaso chega à janela, mas sempre ao lado do seu tutor que lhe encadeia os olhos: vem-lhe do mal o bem, porque a órfã vive ao menos na ignorância das

perversões do mundo, e em vez de ser mártir, se conserva anjo.

Firmino

Conservava pois o meu zelo e os meus escrúpulos de tutor?...

Suzana

Desconfio de quem é mais escrupuloso como tutor, do que como pai. Bastava a Corina metade dos inocentes gozos de Júlia.

Firmino

É portanto uma acusação?...

Suzana

Não acuso, apenas por amor de nós mesmos mostro o vosso pecado, e peço o arrependimento do tutor ambicioso. Corina é sonegada ao mundo para que não seja senão Peregrino e Carlos: o tutor e mulher do tutor enclausuram a órfã para obrigá-la a aceitar, a receber um de seus cativeiros como simulacro de liberdade. Meus filhos, eu juro pelos Santos Evangelhos, que vós ofendeis assim a lei da terra, e a santa religião daquele que morreu na cruz do Calvário...

Teodora

Minha tia, que idéias são essas?...

Suzana

Se estou em erro, peço humildemente perdão, mas eu tenho ouvido mais de uma vez a disputa do marido e da mulher, não sobre o merecimento, porém sobre o dote da órfã desejada para enriquecer os filhos... vejo na clausura da órfã a premeditação do sacrifício.... depois da clausura pressinto a violência.... tudo quanto a ambição inspira... talvez o crime.

Firmino

Senhora!...

Suzana

A violência... o crime... meus filhos: eu não hei de ver a violência e o crime sem protestar contra eles. Era isto o que eu tinha a dizer... custou-me muito: perdoem-me, porque vos amo; mas arrependam-se, porque estão em pecado mortal.

Firmino

Vá rezar o seu rosário, tia Suzana; vá...

Suzana

Vou: o meu rosário é a minha fortaleza, e com a inspiração do meu rosário hei de cumprir sempre o meu dever diante de Deus. Fiquem, se podem, na paz do Senhor. (vai-se)

Cena 3^a

*Firmino e Tereza*³

Firmino

Quem esperaria por semelhante sermão de quaresma?... Tu és a culpada, Teodora, pois que nos comprometes ambos com imprudentes e importunas contestações.

Teodora

Acabemos de uma vez com elas: enquanto minha tia ralhava, eu refletia pois que nenhum de nós cede ao outro, deixemos a Carlos e a Peregrino o empenho de conquistar o coração de Corina e a esta o direito de escolher entre os dois.

Firmino

Acho muito razoável esse alvitre.

³ Erro do manuscrito. Trata-se do personagem Teodora.

Teodora

Ambos nos conservaremos absolutamente alheios à luta rival: nem tu apoiarás as pretensões de teu filho, nem eu as do meu.

Firmino

Convenho; já deveríamos ter assim resolvido a questão.

Teodora

Em oito dias obrigaremos Corina a decidir-se por Carlos ou por Peregrino.

Firmino

Perfeitamente.

Teodora

Eu te juro, sob minha palavra de honra, que serei em tudo fiel a este acordo.

Firmino

Faço o mesmo juramento.

Teodora

Vês? Acabo sempre por concordar contigo: muito bem: agora mais duas palavras sobre o batizado da boneca: teimas em não querer que a reunião seja numerosa?

Firmino

Um batizado de boneca é um passatempo tão juvenil que concedido à uma moça de dezesseis anos, só se tolera em família e em sociedade de íntimos amigos.

Teodora

É uma explicação; mas se Júlia exigir grande festa e baile?....

Firmino

Júlia! Júlia! Tu a deitaste a perder...

Teodora

Sim... fui eu!... Mas se ela exigir?...

Firmino

Oh! Não lhe digas que resumimos os convites; deixa que ela sonhe com o baile.

Teodora

Previno-te de que em caso de revolta direi a Júlia que se entenda contigo.

Firmino

Não: é melhor iludi-la... Júlia é uma bonequinha... mas parece que a lembrança de Teófilo não lhe perturba o sono. (consulta o relógio) Dez horas da manhã!

Teodora

Vou ver se as duas meninas já se resolveram a amanhecer. (vai-se)

Firmino (seguindo-a)

Até logo... saio; mas volto cedo.

Cena 4^a

Firmino e Peregrino

Firmino

Ah! Pensei que não estavas em casa.

Peregrino

Entrei agora mesmo: vim pedir a meu pai que não esqueça o meu amigo Simão de Souza na lista dos seus convidados para o batizado da boneca de Júlia.

Firmino

Simão de Souza... que espécie de interesse...

Peregrino

Ele me protege em meus negócios: ainda há três dias adiantou-me dinheiro para comprar quatro escravos que logo vendi com seiscentos mil réis de lucro.

Firmino

Ah! Eu sempre o tive por homem de bem... ultimamente festeja muito Teodora, quando a encontra no teatro ou no baile. Vou mandar convidá-lo...

Peregrino

O convite o exultará: o meu amigo pensa também, como outros, a respeito de Corina...

Firmino

Em Corina?... Onde a viu?...

Peregrino

Não a viu ainda, mas tem conhecimento de seu dote...

Firmino

Não pode ser convidado.

Peregrino

Meu pai, Simão de Souza começa a envelhecer, é feio e rude. Não há risco em deixá-lo vir; mas dada a hipótese de que fosse feliz, eu que receio não vencer a indiferença glacial de Corina, teria a consolação de vinte por cento do dote da noiva.

Firmino

Então ele te propôs?...

Peregrino

Isso é casar-me com uma sobrinha que possui cerca de trinta apólices de conto de réis.

Firmino

Convidarei em todo o caso o homem. (vai à porta do interior)

Peregrino

Obrigado, meu pai.

Firmino

Teodora está no segundo andar: escutas, trata com atividade de agradar a Corina: eu tenho de fingir-me neutro, chama ao teu partido a filha do teu padrinho, que gosta muito da minha pupila... eu já vou falar ao compadre: nada disso seria preciso se eu não tivesse oposição em casa... mas Carlos.

Peregrino

Carlos não me incomoda: é um excelente mancebo, que estudou suas letras, agora passa a vida, freqüentando as galerias das câmaras, fazendo versos e lendo romances e poesias. Está arrufado comigo porque soube que eu negociava em escravos.

Firmino

E que tem isso?...

Peregrino

Carlos é um pobre e vão sonhador; há de proceder como eu quiser.

Firmino

Sim... porém a mãe de Carlos...

Peregrino

Minha madrasta.... esposa do meu pai.... eu a respeito e amo; todavia é mãe, e é raro que, julgando de seu filho, haja mãe que deixe de ser tola.

Firmino

(rindo) Este Peregrino!... mas... já te disse o que queria... Teodora pode chegar... vai-te.

Cena 5ª

Firmino, Peregrino, que se retira, Criado, que se retira, e logo Tomás Pereira

Criado

O senhor Tomás Pereira.

Firmino

Conduza-o para esta sala (vai-se o criado).

Peregrino

Meu pai, eu prevenirei ao meu amigo Simão de Souza...

Firmino

Ele receberá o convite daqui a duas horas...

Peregrino

Vossa mercê me dá dinheiro a ganhar... hoje comprei escravos. Não tenho reservas com meu pai: uma pupila rica é mina de ouro.... o caso é saber explorar a mina... (vai-se)

Firmino

(a Tomás) Sem cerimônia... o senhor é amigo da família. (saúdam-se) Sente-se... (sentam-se) por aqui a esta hora?

Tomás

Dever de fiel corretor: vendi as três apólices melhor do que esperava: eis o dinheiro e a nota da transação. (entrega)

Firmino

(Examinando o papel e o dinheiro) Que diligência! Obrigado.

Tomás

A minha visita ainda tem outro motivo... mas confidencial.

Firmino

Pode falar, estamos sós.

Tomás

Sou corretor, procurador, negociador, e quando proponho, não ofendo: franqueza, no seu lugar eu já tinha casado sua pupila; uma vez porém que o senhor o não quer fazer, digo-lhe que seria loucura rematada não ganhar licitamente algumas dezenas de contos, livrando-se do encargo da tutoria.

Firmino

É uma nova, a terceira proposta que me vem fazer para casar Corina?...

Tomás

Um negociante, boa firma, casa acreditada, moço elegante e honrado pede a mão da sua pupila; condição: vinte por cento do dote ao tutor, cinco por cento ao corretor, perpétuo segredo da transação. Que diz?

Firmino

Que o Senhor me confunde com os tutores sem consciência e sem honra, com os traficantes que exploram em seu proveito um depósito sagrado.

Tomás

Não se ofenda e ouça-me: recebi a confiança dos seus negócios, conheço a situação da sua casa e da sua fortuna: devo dizer-lhe que os seus recursos estão quase esgotados, e que a sua ruína será completa no fim de um ou de dois anos.

Firmino

Ficar-me-á ileso a probidade e tranqüila a consciência. Corina ainda é muito criança: quando estiver no caso de fazê-lo, escolherá livremente o seu noivo: o juiz dos órfãos aprovará esta minha disposição: estou satisfeito.

Tomás

Sua alma sua palma: quer ser Catão, seja-o, há de, porém, em breve, dormir na esteira da pobreza.

Firmino

Dormirei nela sono que muitos milionários não podem dormir em seus leitos dourados.

Tomás

Senhor Firmino, sou seu amigo: abandone essas teorias poéticas, chegue-se à razão prática: veja em primeiro lugar se pode casar sua pupila com seu filho, ou ao menos casar com seu enteado... o dinheiro ficará em casa...

Firmino

E o meu crédito atirado ao meio da rua...

Tomás

Ao contrário, muito mais fortalecido pela presunção de maior base de capital: esta é que é a realidade; mas se escrupuliza, negocie o casamento da pupila rica em transação secreta, e peça a Deus que lhe dê mais duas ou três tutorias, como essa, para arranjo da vida.

Firmino

Eu penso de modo inteiramente diverso: Não posso aceitar a sua proposta, e peço-lhe que não insista neste assunto.

Tomás

Quando proponho, não ofendo, e também a negativa não me ofende: tomo tudo isto debaixo do ponto de vista mercantil: não faz conta, paciência: amigos como d'antes?

Firmino

Certamente.

Tomás

Cada vez o respeito e o lamento mais: o senhor é um homem do outro tempo... há de ser vítima da sua escrupulosa e exagerada probidade...

Firmino

Por quem é... não me confunda...

Tomás

(levantando-se e tomando o choque) Sou eu que saio confundido...

Firmino

Saiamos juntos.

Tomás

A companhia me exalta: reconheço-me por demônio ao lado de um santo.

Firmino

Quer dizer de um tolo...

Tomás

Ou isso.. salvo o respeito devido.

Firmino

Vamos, senhor Tomás Pereira. (vão-se)

Cena 6^a

Teodora e Carlos

Teodora

Sáiram enfim.

Carlos

Eu também vou sair... são quase onze horas...

Teodora

Carlos, eu esperava que teu padrasto nos deixasse em liberdade para te ocupar de questão muito séria.

Carlos

Mas hoje não posso perder a sessão do Senado: o ministério vai receber sova magistral... faz gosto ouvir os oradores da oposição...

Teodora

Se não fosse o Senado, inventarias outro motivo para ausentar-te...

Carlos

Com efeito... à tarde tenho sessão magna da Sociedade Filopoética.

Teodora

É sempre assim! eu te peço dez minutos ao menos...

Carlos

(abrindo o relógio) Dez minutos hoje, e amanhã o dia todo para minha mãe.

Teodora

Meu filho, tu me confessaste que amavas Corina, e eu abençoei esse amor da beleza e da virtude...

Carlos

Sim, minha mãe, eu amo Corina; mas infelizmente ela me parece um anjo amigalhado...

Teodora

Se a esqueces tanto! aposto que ainda não lhe confessaste o amor que lhe tributas...

Carlos

Ah! os meus olhos devem ter-lhe dito tanto!... E além dos meus olhos, já dez vezes tenho tentado declarar-lhe a minha paixão, mas...

Teodora

Acaba...

Carlos

Júlia me ridiculariza, e Corina põe-se a rir.

Teodora

Não deves falar-lhe de amor em presença de Júlia.

Carlos

Se uma nunca deixa a outra! Júlia é intolerável, minha mãe.

Teodora

Eu ralharei com ela; tu, porém, sê mais freqüente junto de Corina: tens boa voz... canta a miúdo com ela... mostra-te mais ocupado da sua pessoa...

Carlos

Ontem à noite escrevi-lhe um acróstico: ela há de lê-lo na Revista da Sociedade Filopoética.

Teodora

A poesia não basta... em regra as senhoras confiam pouco nos poetas...

Carlos

Mas eu não compreendo amor sem poesia e sem flores: ontem fiz versos a Corina, hoje hei de trazer-lhe um buquê de violetas, e amanhã dar-lhe-ei a ler o romance *Paulo e Virgínia* anotado por mim.

Teodora

Versos, flores, romances, dá-lhe tudo isso, Carlos, exalta-lhe a imaginação, mas sobretudo sê menos acanhado... menos... não sei como digo, menos contemplativo, e... meramente respeitoso, ama-a como homem deste mundo... as senhoras... as donzelas precisam parecer forçadas a ouvir... a amar... a conceder inocentes favores...

Carlos

Corina é um anjo.

Teodora

Os anjos da terra têm sempre na sua natureza alguma coisa de material. Carlos, eu quero que Corina seja tua esposa...

Carlos

Se eu merecer o seu amor espontâneo.... flor do coração.... isento de cálculos de família.... livre.... sem rigor, nem opressão... porque ela é rica... e eu não toleraria...

Teodora

Perfeitamente... oh! Quem se lembra de riqueza! Eu só penso na formosura e na virtude de Corina!

Carlos

Oh, muito bem, minha mãe!... Um amor poético!...

Teodora

Todavia, receio muito pelo teu amor e pela felicidade de Corina, se não fores mais diligente, mais fervoroso...

Carlos

Por que? Por que?...

Teodora

Segredo inviolável, meu filho: teu padraсто resolveu casar Corina com Peregrino...

Carlos

O mercador de escravos? Eu desconfiava disso: Peregrino compra e vende seus irmãos em Deus: é indigno de Corina...

Teodora

E o teu amor pode salvar a vítima...

Carlos

Corina esposa de um escravagista!... Minha mãe — hoje mesmo... (ouve dar onze horas) Ah, em vez de dez minutos, um quarto de hora... até logo...

Teodora

(detendo-o pelo braço) Escuta ainda...

Carlos

Não posso perder a sessão do Senado...

Teodora

Cinco minutos só...

Carlos

Já sei tudo! Há de ver como procederei...

Teodora

Ao menos vai buscar-me o acróstico que fizeste.

Carlos

(tirando um papel do bolso) Ei-lo aí... mas não o mostre a Corina: quero que ela o leia com surpresa na Revista da Sociedade Filopoética. (vai sair e encontra-se [*sic*] com Estefânia)

Cena 7^a

Teodora, Carlos, que logo se retira, Estefânia

Estef.

Ah! Carlos, quase que me deste um abraço...

Teodora

(indo a Estef.) Estefânia!

Carlos

Desculpe: foi ardor parlamentar. (beija a mão de Estef.) Sinto não poder demorar-me. É a hora da sessão do Senado: vou a correr. (vai-se)

Estef.

Carlos é um querubim; mas voa com excessivo ardor.

Teodora

Agradeço-te a prontidão com que acudiste ao meu chamado. Senta-te. (Sentam-se)

Estef.

Acho-te desassossegada...

Teodora

A minha luta com Firmino continua e se agrava.

Estef.

No jogo da teima não há mulher que não ganhe a partida ao marido.

Teodora

Mas quando não é só o marido a vencer?... Até bem poucos dias, o que me preocupava era que essa teima de Firmino demorava o casamento de Carlos e que a demora podia aproveitar a algum astucioso e feliz pretendente de Corina.

Estef.

Com efeito! Os especuladores são tantos!...

Teodora

Agora, porém, é o meu maldito enteado que me está ameaçando com as mais temíveis probabilidades da sua vitória...

Estef.

Ora... Peregrino... Corina o trata com tanta indiferença...

Teod.

Tu és como minha irmã: a nossa amizade...

Estef.

Começou no colégio... (olhando em torno) ninguém nos ouve: começou no Colégio há trinta e cinco anos.

Teod.

É por isso que me animo a dizer-te, pensando no meu pobre Carlos, o que aliás por lealdade também te diria, se teu sobrinho...

Estef.

Não falemos em Fortunato: sabemos ambas que se ele um dia pôs-se a requestar dona Corina, soube esta desenganá-lo para sempre: além disso eu te comuniquei o projeto de casamento que formei desde muito para meu sobrinho.

Teod.

Eu me comprometi a auxiliar-te com todo o esforço nesse empenho. Creio até que tenho feito já alguma coisa.

Estef.

Muito: e uma mão lava a outra: ocupemo-nos de Carlos.

Teod.

Vou confiar-te um segredo delicadíssimo e pedir-te um conselho.

Estef.

O segredo ficará no coração; o conselho sairá da reflexão.

Teod.

Isto morre aqui: eu suspeitei... e enfim verifiquei que Peregrino... abusando da casa de seu pai...
entretinha relações secretas... criminosas com a mísera Corina...

Estef.

Oh!... É horrível!... Estás bem certa do que dizes?...

Teod.

Infelizmente é verdade.

Estef.

Que escândalo! Mas então é caso julgado... pobre Carlos!

Teodora

Conforme...

Estef.

Pois aí há conforme?.. (cravando os olhos em Teod.) Ah! Sim! Neste mundo tudo é conforme:
eu também juraria que dona Corina detestava Peregrino e todavia.. mas.. conforme o que?...

Teod.

Corina é ainda no seu erro tão inocente como tola, e por felicidade no colégio a tornaram fanática: há quatro dias que tive a certeza do seu opróbrio e não tardei em recorrer aos bons ofícios de minha religiosa tia, e a boa da velha reteirou o demônio com tanta eloquência que a triste menina malvadamente enganada, apenas agora compreende o que fez, e abomina Peregrino com sentimento de horror.

Estef.

(sorrindo) É um pouco inverossímil: eu, no teu caso, desconfiava.

Teod.

A tia Suzana assegura o arrependimento de Corina, que parece ter sido vítima de sua rude ignorância a certos respeitos...

Estef.

Mas o diabo não sai tão facilmente do corpo, em que conseguiu uma vez entrar.

Teodora

Julgas que estou sossegada? eu passo as noites velando: temo da influência fatal adquirida por Peregrino... tenho medo de que amanhã, ou em outro dia, Eva de novo atenda à serpente... mas dada a hipótese do arrependimento sincero e essa ignorância do mal que se praticava...

Estef.

Entendo... (sorrindo) dada a hipótese...

Teod.

Nestas circunstâncias devo ainda pensar em Corina para esposa de meu filho?... tenho escrúpulos: aconselha-me.

Estef.

Tanta inocência da alma obriga a esquecer em dona Corina o erro que foi só da ignorância: não refletas assim?...

Teod.

Confesso que penso desse modo. Sê franca: faço bem em insistir no casamento de Corina com o meu Carlos?...

Estef.

Fazes... fazes...

Teod.

Dizes isso em um tom...

Estef.

De quem se admira da hesitação: dona Corina não é só moça bonita... é meio milhão. Teima.

Teod.

Tu me resolves; mas em tal caso preciso do teu concurso. Corina é muito amiga tua; quero que patrocines a causa de Carlos.

Estef.

Como se ele fosse meu filho: hei de fazer prodígios. Verás.

Teod.

(apertando-lhe a mão) Minha Estefânia!...

Estef.

Carlos ainda não conseguiu tocar o coração de dona Corina?...

Teod.

Tem perdido o seu tempo em êxtases poéticos: o inocente bate à porta daquele coração a compassos diversos.

Estef.

Com uma menina de quinze anos os versos tem seu lugar.

Teod.

A propósito: aqui está um acróstico do nosso poeta.

Estef.

Lê.

Teod.

(lendo) A voz do coração, voz que é gemido

Mudo enleio que a fala tolhe e prende
O terno olhar nos olhos teus perdido,

Culto de fogo ao Sol que o fogo acende;
O receio, a esperança, a queixa, o medo

Rompendo d'alma que a teus pés se rende

Inda trêmulos n'alma em segredo
No poético arдил que amor socorre,

Amor de quem por merecer se morre.

(voltando o papel e lendo) As iniciais dos versos dizem: = Amo Corina = na verdade é bonito!
Não achas bonito?...

Estef.

Melhor do que isso, declaração em regra.

Teod.

E os versos trazem a assinatura de Carlos: é positivo!... Que talento o de meu filho!...

Estef.

Cantarei como sereia aos ouvidos de dona Corina.

Teod.

Minha amiga, minha irmã!

Estef.

Agora volto para receber a minha modista que talvez me esteja esperando... (em pé)

Teod.

O que eu disse relativamente a Corina...

Estef.

Sepultou-se aqui.(aponta para o coração)

Teod.

Confio em ti. (abraça-a) Sê mãe de Carlos.

Estef.

Tenho medo de adorá-lo demais (beijam-se. Estef. sai)

Cena 8ª

Teodora e logo Carlos

Teodora

(acompanha Estef. até a porta: volta; relê para si os versos, sorri, vai à mesa escolhe um álbum, gruda com goma arábica que haverá em um vidro competente, o papel dos versos em uma das folhas do álbum e desfolha uma rosa na mesma página)

Carlos

(Entrando) Não houve sessão no Senado por falta de quorum. (vendo Teod. junto da mesa) Que faz, minha mãe?... (começa o canto dentro)

Teod.

Silêncio! Júlia e Corina vão entrar.

Júlia

(cantando dentro e até o fim)

Só
Di

Carlos

(continua o canto) O meu acróstico!...

Teodora

Silêncio. (cai o pano durante o canto)

Fim do 1º ato.

Ato 2º

A mesma cena do 1º ato

Cena 1ª

Júlia e Corina

Júlia

(deixando a janela) Minha mãe está no jardim conversando com o seu poeta.

Corina

(Entrando) Vou buscar a tua boneca...

Júlia

Para que?...

Corina

Far-lhe-emos um vestido rico... todo de gaze branco e rendas.

Júlia

Ora! na nossa idade brincar com bonecas?...

Corina

Mas então o batizado...

Júlia

Não vêes que foi pretexto para te dar um baile?...

Corina

Ah! a mim ou ao padrinho?

Júlia

Em todo caso ganhas...

Corina

Que faremos esta manhã?

Júlia

Tudo e nada: por exemplo, olhar-nos ao espelho. Vem cá... (defronte do espelho)

Corina

Para que isto?... (indo para o espelho)

Júlia

Somos ambas bem bonitas!

Corina

Me parece...

Júlia

Tipos diferentes; ambos porém igualmente lindos.

Corina

Eu menos...

Júlia

Tu menos? Suponhamos! Como é então...

Corina

O que?

Júlia

(deixando o espelho) Vamos fazer um jogo?... (vai buscar um baralho de cartas, que devem ser muito friqn^{os} [sic]) Queres ver?... Tu és a dama de ouros, eu sou a que aparecer primeiro. (corre as cartas) A de espadas. (baralha). Quem vence?...

Corina

Tu com as espadas...

Júlia

Sim? E tu com o ouro? Vejamos a quem saem os condes.⁴ (vai deitando as cartas a uma e outra dama) Aí tens: saiu para ti o de paus... também o de espadas. (larga as cartas) Não quero mais... Entendes isto?... (à frente da mesa)

Corina

Eu não: é acaso.

Júlia

Isto quer dizer que me é preciso que te cases... solteira, tu me fazes perder no jogo dos condes.

Corina

Estás doida?

Júlia

Eu?... Escuta: desde alguns meses que sinto a verdade: o sobrinho de d. Estefânia fazia-me a corte, e de súbito mudou de rumo, e é a ti que rende finezas, quando a tia nos visita. Pouco me importa... não deixou saudades...

Corina

⁴ Assim se denominava a carta que hoje chamamos Valete.

E eu por ventura o animo?

Júlia

É outra questão: o moço que costuma passar a tarde em faetonte⁵, esquecia os olhos em mim; mas depois ou fica vesgo, ou é só para ti que olha, quando por acaso te deixam ir à janela...

Corina

E se ele soubesse como o acho horrível!...

Júlia

É outra questão, já disse. Nos bailes, aos quais meu pai não te quer levar, é certo que os moços me cumprimentam; mas as tias, as mães e as irmãs armam-me tais laços para informar-se de ti, que evidentemente elas te prefeririam para os sobrinhos, para os filhos e os irmãos.

Corina

Ainda bem que o padrinho da boneca te ama.

Júlia

Veremos: já esperei mais. Também ele perguntou-me por ti. Desconfio da curiosidade.

Corina

Podes esperar tudo... eu te juro.

Julia

Não podes jurar o que não sabes. Uma experiência; vejamos: (vai buscar uma flor e tira as pétalas) Sim... não, sim... não... (até o fim) não! Estás vendo? Exijo que te cases.

Corina

⁵ Pequena carruagem descoberta de quatro rodas.

Acabarás por aborrecer-me, Júlia!

Júlia

Eu? Se tu me fazes conhecer os homens!... Amo-te! Tu és o fogo em que provo a minha prata: se Teófilo for casquinha, boa viagem! (indo ao piano) Vamos ensaiar um dueto?

Corina

Com que fim? O senhor Firmino não consente que eu cante em sociedade.

Júlia

Mas se eu quiser...

Corina

Prefiro que não queiras.

Júlia

Tu te resignas demais: eu no teu lugar me revoltava, (abrindo o relógio) onze horas e três quartos... que dia comprido!... (boceja) Ah! É verdade: a outra questão. Corina, tu tens o coração encouraçado?...

Corina

Que pergunta, Júlia!

Júlia

Ainda não amas? Porém é indispensável que ames... digo-te que me é preciso que te cases... perde esse coração uma vez, Corina! Ah, eu tenho perdido o meu tantas vezes!... (rindo-se) Ainda bem que ele foge e volta, vai e vem, como passarinho acostumado à gaiola!

Voz de mulher (dentro)

Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!..

Corina

Ah! É a voz da minha pobre! (querendo ir)

Cena 2^a

Júlia, Corina, Teodora e Carlos

Teodora

Menina, já lhe temos dito que não deve ir sozinha dar esmola à sua pobre: venha comigo...

Corina

Perdoe-me... não tornarei a ir só... (vão-se as duas e voltam)

Carlos

Isto é contra o preceito do Evangelho: a esmola da caridade não deve ter testemunhas; o segredo é a santa poesia da esmola: também o segredo, o mistério é quase sempre poético; não acha?...

Júlia

Acho tudo quanto quiseres, menos somente uma coisa.

Carlos

O que?...

Júlia

O teu juízo, de que ninguém me dá notícias. (voltam as duas)

Carlos

Minha mãe, Júlia começa a provocar-me...

Teodora

É uma estouvada: eu te livro dela; vem comigo, Júlia; tenho que dizer-te (vai-se)

Júlia

(beliscando Corina) *Gare aux vers!*

Cena 3^a

Corina e Carlos

Carlos

Ela nem sabe falar o francês, e quer fazer *calembour!*...

Corina

Não admira, aqui estou eu que ignoro até o português.

Carlos

Se eu não a conhecesse tão instruída, chegaria a suspeitá-lo; porque a senhora finge não entender...

Corina

O que?

Carlos

O meu penar cruel...

Corina

Então está doente?...

Carlos

Do coração, bela Corina.

Corina

Isso é grave: deve quanto antes consultar os médicos.

Carlos

Porque zomba de mim?... Que fez do buquê de violetas que lhe ofereci?

Corina

Pu-lo de molho por amor das violetas.

Carlos

Essas flores nada lhe disseram?

Corina

As flores?... Flores falando! Senhor Carlos...

Carlos

Isto desespera! Porque assim me trata? Tanta impiedade quando me rendo a seus pés?... Um desengano, é apenas sentença que infelicitiza; mas o escárnio é injúria bárbara. Uma vez ao menos falemos seriamente...

Corina

Se o assunto for sério...

Carlos

Não pode sê-lo mais: ouça e decida. A minha alma vai falar, e a minha vida concentrar-se nos meus lábios: o amor em que se abrasa o meu coração é puro, como o fogo dos seus olhos, amo-a como Petrarca amou a Laura, Lamartine a Graziella, Gonzaga, ou antes Dirceu à Marília!

(Corina ri) Por quem é não ria-se... tudo o que quiser, menos rir assim. Eu a adoro... adoro-a nos meus sonhos... adoro-a nas minhas tormentosas vigílias... de dia a minha alma é seu altar... de noite... (Corina põe-se a rir) podes fazer-me o favor de não rir?...

Corina

Mas é impossível conter-me! (rindo ainda)

Carlos

Oh! A senhora ri enquanto o meu coração se afoga em pranto envenenado! Nós devíamos ser como duas flores que o almo⁶ sopra de amor aproximasse; mas a estrela do céu não vê o verme da terra que a namora, como diz Victor Hugo! (Corina desatando a rir, leva o lenço à boca) Oh! O rir aqui é inteiramente fora de propósito!...

Corina

Mas o senhor tinha dito que ia falar seriamente...

Carlos

E que há de mais sério que este amor poético, arrebatador, vulcânico... (Corina ri) e a senhora a rir! Aí está uma coisa com que dou o cavaco! Desengane-me, se quiser, mas não ria-se... não ria-se...

Corina

Senhor Carlos... eu o estimo muito... faço justiça aos seus sentimentos... mas, tornando ao sério... (desata a rir)

Carlos

Basta de rir: dona Corina, além do terno interesse do meu amor, eu quero, posso e devo livrá-la do mais horrível naufrágio...

⁶ Adorável, encantador.

Corina

Oh! não se exponha por mim... deixe-me naufragar.

Carlos

Peço-lhe a mão de esposa... o marido será um escravo, o meu amor será culto a divindade... Corina a minha Eva sem o pecado... eu, o Adão, inocente, vivendo em êxtase de amor puro... (Corina desata a rir) ora... assim não se pode... a senhora a rir... e a rir... e a rir... em vez de rir diga de uma vez — sim ou não?...

Corina

Senhor Carlos... eu... (desata a rir) perdoe-me... (rindo) eu... sou assim... rio-me de tudo... (rindo)

Carlos

É de matar! Há risos mais frios que o gelo, mas faça-me o favor de não continuar a rir, minha senhora!...

Cena 4^a

Corina, Carlos, Tereza⁷ e Júlia

Teodora

Conversaram?... O que?...

Corina

O senhor Carlos falava-me sobre flores e poesia.

Teodora

É incorrigível... jurou viver respirando perfumes e amando os anjos... mania de poeta... mas parece que também revolveram músicas... (chegando-se à mesa) e junto das músicas o álbum de

⁷ Erro do manuscrito. Trata-se do personagem Teodora.

Corina que também o examinaram... (toma o álbum e abre-o)

Corina

Nem sequer olhamos para ele...

Teodora

Oh! folhas de rosas... versos de Carlos... (fingindo ler)

Corina

Isto é novo para mim... (a Carlos) o sr. não podia escrever no meu álbum sem a minha permissão...

Carlos

Eu?... minha mãe... esse acróstico...

Teodora

Amo Corina!... que quer dizer isto? Reprovo severamente o proceder de ambos: menina, eu me oponho a semelhante amor... proíbo, condeno esta afeição!...

Corina

Juro que foi um abuso de seu filho!... (quase a chorar)

Carlos

Abuso!... E esta?... Minha mãe... isto é demais...

Teodora

Silêncio, senhor! (à Corina). Ordeno-lhe que nem olhe para meu filho! Não quero que o ame... (a Carlos) Não quero que a ame... ouviram?... Não quero...

Carlos

Preciso explicar-me... não direi quem foi... mas eu não fui...

Teodora

Basta! Venha comigo, senhor. (leva Carlos pela mão) Júlia, espera-me: vou tomar o chapéu.

Cena 5^a

Corina e Júlia

Corina

Que indigno proceder: querem talvez comprometer-me! (a Júlia que está lendo os versos) Deixa-me rasgar essa folha do álbum...

Júlia

Por que?... O pobre Carlos não merece tal castigo...

Corina

Mas o abuso... o desrespeito... a ousadia...

Júlia

Tens a certeza de que foi ele quem colou os versos no álbum?

Corina

Júlia!

Júlia

(indo à porta e voltando) Psiu! Aposto que isto é travessura de minha mãe... ela se empenha em casar-te com Carlos: (olhando) eu já estou no segundo... se quiseres conta comigo.

Corina

É para enlouquecer-me...

Júlia

É; porque também meu pai te destina para Peregrino.

Corina

Sei tudo isso, há muito!...

Júlia

Então não enlouqueces mais: (olhando) todavia as exigências vão ser mais fortes... nota: minha mãe já te ordenou que não amasses a Carlos de propósito para te provocar a contrariá-la...

Corina

Oh, como é lamentável ser rica!

Júlia

Que tola!... Eu trocava a tua sorte pela minha...

Corina

Tu?... Oh, sabes tu o que é não ter mais na terra pai nem mãe?...

Júlia

(comovida) Corina!... Perdôo-a... eu não trocava, não... mas tens ao menos em mim uma irmã... e doravante...

Corina

Chegam. (vai cortar a folha do álbum e dobrá-la)

Júlia

Como se rasga um coração em uma folha de papel! Coitado de Carlos!

Cena 6^a

Corina, Júlia, Teodora, e depois Carlos e Silvia

Teodora

Júlia, vamos: (a Corina) menina; voltaremos antes de duas horas... esqueçamos o que se passou a pouco...

Corina

Mas o sr. Carlos terá a bondade de guardar, se quiser, os seus versos... (entrega a folha do álbum)

Carlos

(recebendo) Eu quero restabelecer os fatos... protesto que...

Teodora

Agora não; vamos sair: (a Corina) a tia Suzana já está prevenida para fazer companhia a senhora. (com voz ressentida) Silvia! Irás dizer a tia Suzana que já saímos. (a Carlos) Vem... (toma-lhe o braço)

Júlia

Adeus, Corina, até logo (abraça-a e beija-a)

Carlos

Isto não fica assim... eu explicarei os fatos, ainda que seja em outra poesia. (Vão-se os três: Silvia segue)

Cena 7^a

- *Corina, em pé e meditando.* - *Silvia volta logo* - *Peregrino que com expressiva mímica e falando em segredo à porta, recomenda que demore o chamado de Suzana: Silvia ri e acode: Peregrino espera à porta.*

Silvia

Vou chamar a sr.^a d. Suzana..

Corina

(sem olhar) Você. (vai-se Silvia que olha e ri para Peregrino)

Peregrino

(depois de um momento) Ah! D. Corina...

Corina

(voltando-se) Senhor Peregrino...

Peregrino

Eu procurava meu pai...

Corina

Creio que não está em casa.

Peregrino

Perdoe se penetrei até aqui, estando a senhora só: minha madrasta saiu também com Júlia e Carlos....., porque não a levaram?...

Corina

Porque sou demais: não sei outra razão.

Peregrino

Pode haver outra: os tesouros mais preciosos guardam-se, escondem-se com avareza.

Corina

É portanto uma desgraça ser tesouro precioso.

Pereg.

Deixa transpirar uma queixa bem fundada: o seu viver assim é triste, já o disse a meu pai; ele porém julga um dever não expô-la às seduções e aos laços de infames exploradores da inocência e da confiança cega das donzelas ricas.

Corina

Reconheço a bondade e os cuidados do meu tutor; nem me lastimo... distraio-me tanto neste meu enclausuramento... nunca estou só... tenho o piano, o estojo do desenho... a lã e a seda com que bordo. Sou tão feliz... (vai tocar)

Pereg.

Não: a influência desses vis exploradores é fatal, porque é um perigo para a moça rica, e desanima o amor leal e honesto que teme ser confundido com as fingidas e interesseiras afeições: não pensa como eu?...

Corina

Desculpe-me: ocupada com a música, fui incivil ao ponto de não ouvir o que me dizia. Não tocarei mais. (deixa o piano e vai sentar-se à mesa)

Peregr.

Eu maldizia àqueles que simulam amor, adorando só a riqueza, e maldigo pelo que sinto: maldigo porque me tenho condenado a fechar até hoje no coração o mais puro amor pelo receio de uma suspeita que ofenderia a delicadeza dos meus sentimentos.

Corina

Ah! agora ouvi mas ainda arriscando-me a parecer-lhe néscia... confesso que não entendo.
(desenha)

Pereg.

Quer que eu fale bem claro?... Eu amo e me contendo à força: a donzela que amo é rica e mil ambiciosos a desejam sem ao menos tê-la visto, a querem por esposa sem a conhecerem... e eu que a vejo todos os dias... que aprecio o valor da sua virtude... que me sinto cativo dos seus encantos... ver que me julgo capaz de fazer-la feliz... ainda não ousei, e, apenas agora, deixo escapar a primeira e incompleta confissão do amor mais ardente e santo!

Corina

Quem é que diz... ora... o desenho é como o piano... eu estava distraída... não ouvi: perdoe-me.

Pereg.

D. Corina... eu lho peço... esqueça o piano e o desenho... não me confunda com distrações que se me afiguram desprezos cruéis...

Corina

(levantando-se) Oh, não!... Eu não desprezo pessoa alguma, ainda menos o filho do meu tutor; mas em verdade não sei o que me dizia...

Pereg.

Agora pois não toca, nem desenha: ouvir-me-á, eu a espero: estamos sós... o momento é oportuno... receba a declaração sincera do segredo mais terno...

Corina

Espere: o senhor disse que o momento é oportuno, porque estamos sós; portanto se seu pai e sua madrastra estivessem presentes, não diria o que pretende...

Pereg.

Oh! É a confissão de um sentimento irresistível cheio de celeste fogo, que só à senhora devo revelar!

Corina

É pena; mas seu pai me proibiu confidências desta natureza: decididamente só na presença dele e de sua madrasta é que poderei ouvi-lo.

Pereg.

Ah! D. Corina!... quer dizer que me autoriza...

Corina

Não... autorizar não; eu não posso autorizar o que não compreendo... toquei piano e desenhei enquanto o sr. falava... e não entendi coisa alguma...

Pereg.

Mas depois não tocou, nem desenhou, e eu falei com tanta clareza, que somente não rasguei o véu do respeito.

Corina

Então é que eu sou tão tola que nem compreendo as coisas mais claras e simples...

Pereg.

Oh, pois que se finge ignorar, não deve negar-se a ouvir a explicação mais completa...

Corina

A sós, como estamos? Deus me livre: seu pai mo proibiu...

Pereg.

D. Corina!...

Corina

Ah! Sinto os passos da tia Suzana: na presença dela sim, o senhor pode explicar-me tudo...

Pereg.

Não... agora não... tenho pressa... peço-lhe até por favor, que não refira a tia Suzana o que eu lhe dizia... (saindo)

Corina

Ainda que eu quisesse, não poderia fazê-lo: pode crer que não entendi nada. (seguindo-o dois passos. Vai a Pereg.)

Cena 8^a

Corina e Suzana

Suzana

Que foi que não entendeste, menina?

Corina

O que sou obrigada a ouvir e a entender todos os dias.

Suzana

Então finges e simulas; mas no fingimento há malícia: a candura é que é agradável ao Senhor.
(senta-se)

Corina

Guardo a franqueza só para a confiança: vivo nesta casa há um ano e ainda não fui fingida com a

tia Suzana.

Suzana

Creio-te Corina; mas na tua idade que é a das expansões!...

Corina

Expansões?... Tive-as, enquanto meu pai viveu; aos dez anos porém, pobre órfã, presa no colégio, o que logo me ensinaram, foi a desconfiar de todos: falavam-me de minha riqueza e de mil perigos que me cercaram: por ordem de meu tutor acompanhava-me sempre uma espionagem suspeitosa e ainda mais nociva por ser mais de ostentação do que de vigilante cuidado: fizeram-me adivinhar o mal e ter medo do mundo...

Suzana

Não exageras?...

Corina

Afetaram disputar-me o ar, a liberdade, os vôos de menina nas horas de recreio: menina, fui passarinho com as asas cortadas, vendo o espaço e sem poder voar, pareciam vigiar-me de dia e de noite com apreensões sinistras: tudo isso me aterrorizava, mas também me fazia crer que me achava defendida e livre de qualquer traição: todavia um dos meus professores teve tempo para tentar seduzir-me, e uma das alunas do colégio atormentar-me com o amor de um seu irmão que se propunha a raptar-me.

Suzana

Que horror!... Coitadinha...

Corina

Aos quatorze anos vim esperançosa para a casa do meu tutor, mas bem depressa tive de chorar pelo meu colégio! Aqui a prisão chega a ser cruel: a tia Suzana sabe como o sr. Firmino e sua esposa conspiram contra os direitos do meu coração, cada qual de seu lado, e no interesse

material de seus filhos!

Suzana

Tens razão...

Corina

Não consentem que eu tenha uma amiga, nem que eu desça sozinha ao jardim, nem que saia uma vez de casa, ao menos para levarem-me à igreja: despediram a minha ama-de-leite que meu pai libertara com a condição de acompanhar-me até o meu casamento: enclausurada e suspeita, as criadas espiam-me, a minha escrivanhinha é a miúdo revolvida [*sic*]: sofro injusta opressão... e sinto-me ameaçada pela prepotência e... oh, tia Suzana... chego a temer o crime...

Suzana

Pobre menina! Tem paciência, espera.

Corina

Sim, espero; mas sem mãe, sem pai, educada na desconfiança, no medo, nos sofrimentos e nas aflições, de cinco anos de orfandade, sou o que me fizeram ser, sou fingida, e espero, sim espero, escudando-me com o fingimento.

Suzana

Era mais nobre ser franca, mas deveras nunca fingiste para enganar-me.

Corina

Nunca, porque a tia Suzana desde o primeiro dia em que me falou, falou-me a linguagem que em pequenina eu ouvi da minha mãe.

Suzana

Obrigada... podes confiar na velha Suzana...

Corina

Com o coração todo aberto e os seus olhos, como eu o abria aos olhos de minha mãe...

Suzana

Mas... se nela guardasses um segredo...

Corina

Seria seu... e sem reservas. Até hoje a tia Suzana é o único seio leal e amigo que tem acolhido e consolado a triste órfã!...

Suzana

Órfã!... Órfã!... Não me chamarás em vão tua mãe!... Serás minha filha. (abraça-a)

Voz de mulher, dentro

Uma esmola à pobre velha pelo amor de Deus!

Corina

(estremece) Oh, é a minha pobre! Posso ir dar-lhe esmola?

Suzana

Vai... vai... e abençoada sejas, porque estendes a mão da caridade ao pobre! (Corina vai-se pela porta do jardim: Suzana levanta-se e a segue, abençoando-a, risonha; mas recua da porta e vem sentar-se triste)

Corina

(voltando alegre) Já se foi.

Suzana

Os outros pobres esmolam à escada da frente, como é que esta vem até aqui, entrando pelo

jardim?

Corina

Pedi e obtive que lhe permitissem isso: é a minha pobre.

Suzana

Ah, e tu trazes sempre dinheiro contigo? (silêncio e confusão de Corina). Tinhas dinheiro, Corina?

Corina

(abrindo os olhos) Não... tia Suzana... não tinha...

Suzana

Então!... o que deste à tua pobre?...

Corina

Eu não dei... recebi... tia Suzana... recebi uma carta do homem que amo, e com quem espero casar. Ei-la aqui. (mostra)

Suzana

Um grave erro, menina! Tu mesma sentiste que procedeste mal, pois certamente correste, recebendo essa carta. Mas... eu tinha um peso sobre o coração... tiras-te-mo; por que não mentiste.

Corina

E eu lhe digo tudo: o dr. André de Araújo ama-me...

Suzana

Doutor André de Araújo?... Não conheço: onde viste esse doutor?...

Corina

Outrora na casa de meu pai: nossas famílias eram amigas. Dez anos mais velho que eu, André muitas vezes carregou-me em seus braços, e quando me achei mais crescida, ele me dava bonecas e flores... foi no tempo em que eu era anjo... no tempo da felicidade e dos risos... depois...

Suzana

Depois?...

Corina

Meu pai morreu: vi ainda uma vez André na hora terrível do saimento para o enterro... ele chorava também, e chegando-se a mim, beijou-me a fronte... sinto ainda esse beijo, e na minha face uma lágrima que lhe caiu!... Separamo-nos; há dois anos, porém, André levou para o meu colégio uma sobrinha, viu-me, reconheceu-me, saudou-me com ternura melancólica, e eu não pude saudá-lo, porque desatei a chorar, lembrando-me de meu pai: depois... tornamos a ver-nos uma... dez... vinte vezes... e pouco a pouco... ah, tia Suzana não sei como foi... nós nos amamos.

Suzana

E por que não vem ele pedir-te em casamento?...

Corina

Há dois meses que o fez, e meu tutor o repeliu.

Suzana

Talvez não seja digno de ti.

Corina

André?... Eu ouvi o que diziam dele no meu colégio: é a virtude, a bondade e a ciência entesouradas em um homem a quem não seduz a minha fortuna, pois é mais rico do que eu, e

desconhece a avareza por brilha *[sic]* pela caridade.

Suzana

Que entusiasmo! E que te diz ele em suas cartas?...

Corina

Pede-me que o ame e espere; e que respeite o meu tutor. Confesso: propus-lhe que apelasse para a autoridade e que me arrancasse deste meu cativeiro.

Suzana

E ele?

Corina

Condenou esse recurso que provoca o ruído público, mas assegurou-me que em caso extremo não hesitará...

Suzana

E que mais...

Corina

É tudo: confiar-lhe-ei todas as suas cartas. Quer ler esta que ainda não abri?...

Suzana

Quero antes de tudo que me prometas não receber outra.

Corina

Oh, e que será de mim?...

Suzana

Sairei em breve a informar-me sobre o doutor André. Se ele for honrado e virtuoso, como o acreditas, a velha Suzana tem uma missão a cumprir, protegerá o amor da órfã, o amor de sua filha em nome de Deus.

Corina

E meu tutor? E sua esposa?... E Peregrino e Carlos?...

Suzana

Falei-te em Deus: como podes temer os homens?... Se o teu amor é puro, os anjos o abençoam; se és vítima de opressão e se a violência te ameaça, levanta os olhos para o céu: tem fé!...

Corina

Esperança e fé, meu Deus!... (de joelhos)

Suzana

Reza! A oração é já em si uma graça, porque na oração falamos ao Senhor. Corina, reza à virgem mãe de Jesus que é a protetora e a mãe sagrada das órfãs...

Corina

(começando a rezar) Ave Maria!...

Suzana

Espera: tenho-te ouvido em suave canto a saudação sublime: reza cantando, mas cantando com fé! Se assim rezares com fé, as harmonias do teu canto serão asas de anjo a levar tua oração ao céu!...

Corina

Oh, sim! fé! E com a minha fé, a esperança do meu amor! (senta-se à harmônica e canta — Ave Maria. Suzana, em pé, ergue os braços. (Cai o pano)

— Fim do 2º ato —

Ato 3º

— Espaçosa [*sic*] sala interior: porta ao fundo, pela qual se apercebe mal outra sala onde se ouve música e se dança: ao lado direito, porta abrindo para um gabinete: portas laterais, brilhantismo de luz: sinais de festim.

Cena 1ª

Peregrino sentado; Carlos que entra

Peregrino

Também te aborreceu o jogo de prendas?

Carlos

Se Júlia é intolerável!... Há meia hora que sem piedade me martiriza! Não pude mais sofrê-la!

Peregr.

Júlia é apenas uma menina leviana que brinca: hoje há aqui alguém que muito mais nos incomoda: eu sou franco; é o filho do barão... e Teófilo...

Carlos

Que queres dizer?

Peregr.

Veio, entrou-nos em casa com aparência de pretendente de Júlia, e evidentemente é de Corina que ele se ocupa... e ela o atende... e parece encantada...

Carlos

Seu proveito... talvez não me tenha sido agradável essa observação que também já fiz... talvez mesmo tenha isso concorrido para impacientar-me; porque eu amo Corina, ouviste?... mas se ela ama Teófilo... que seja feliz.

Peregr.

Eis aí: eu não amo Corina, e todavia não sou tão tolerante. Teófilo me aflige muito.

Carlos

Mas... se dizes que não amas...

Pereg.

Não é dizer que eu não queira casar com ela: o seu dote arranjará muito a minha vida; confesso.

Carlos

Peregrino!

Pereg.

Não ralhes como ralhaste no caso do negócio de escravos: cada qual tem seus princípios. Eu quero Corina para esposa, mesmo sem amor e até muito contra sua vontade: apontar-me-ão nas ruas com reprovação... dirão que sacrifiquei o coração ao ouro; mas sendo rico, serei poderoso, e a sociedade virá em breve lisonjear-me respeitosa.

Carlos

Essa teoria é infame!

Pereg.

Dá-lhe o nome que quiseres: faça-te justiça: tu, meu poeta, não querias ser esposo não sendo amado; hesitarás, mesmo na hipótese de merecer amor, ante a suspeita de vil interesseiro, que em todo o caso despertarias no ânimo dos maliciosos.

Carlos

E levantaria ufano esta cabeça de homem honesto...

Pereg.

Cabeça de poeta... pois bem, cada qual com os seus princípios... e daí quem sabe, se não és ainda mais ladino do que eu?... Desejo, aconselho-te que o sejas: se Corina não for minha esposa, estimarei que seja tua.

Carlos

Não quero que me imagines com os teus sentimentos: vai comprar e vender homens...

Peregr.

Olha... acabou o jogo de prendas... estão tomando sorvetes... vamos arrefecer o sangue... (vai-se. Carlos passeia agitado)

Cena 2^a

Carlos e Teodora

Teod.

Por que fugiste da sala? Não devias dar importância aos gracejos de tua irmã.

Carlos

Minha mãe, cumpre-me preveni-la de que vou sufocar o amor que sentia ou sinto por Corina.

Teod.

Temos ciúmes? Não sejas criança.

Carlos

Juro-lhe que só desposarei Corina, se partir dela manifesta e publicamente a proposição mais

livre e positiva.

Teod.

Mas isso é contra todas as regras, seria até indecoroso.

Carlos

Ou eu farei a proposição franca e altamente com a condição de passar todo o seu dote para algum estabelecimento de caridade. (em fogo mal contido)

Teod.

Estás delirando... agora não podemos conversar. Vai distrair-te e sossega. (vai-se Carlos)

Cena 3^a

Teodora que se retira, Estefânia e Corina, tomando sorvete

Estef.

Roubei por momentos Corina a seus admiradores.

Teod.

Fazes-me ter ciúmes desta menina que parece amar-te mais do que a mim: não me roube de todo o seu coração.(vai-se)

Estef.

Vê como é hipócrita?... Toma-se, [*sic*] acautele-se dela! Não atraíçoe o segredo que lhe confiei... diga pelo contrário, queixando-se de mim, que empenhei-me em induzi-la a desposar Carlos... mas, eu lho peço, ouça ao menos por breves momentos a meu sobrinho... prometa-me uma contradança para Fortunato.

Corina

Mas eu já prometi a outro a seguinte... e além disso...

Estef.

Fortunato a ama... livra-la-á do inferno em que vive... creia que a senhora está exposta aos maiores perigos, e meu sobrinho que é o mais nobre cavalheiro, que a adora, e que daria a vida pelo seu amor...

Corina

Olhe, quanta gente chega.

Cena 4^a

Carlos, Peregrino, Simão de Souza, Tomás Pereira, Teófilo, Firmino, Fortunato, Estefânia, Corina, Teodora, Júlia, senhoras, cavalheiros — conversação geral, movimento.

Teóf.

(com a boneca nos braços) A minha linda afilhadinha não pode dormir com semelhante ruído! Acabou de despertar chorando assustada... onde melhor lhe poremos o berço? (embala a boneca) Tempo perdido! Nos meus braços não dorme: (a Corina) minha senhora, por quem é, acalente esta menina.

Corina

Compete esse dever à madrinha.

Teóf.

A madrinha está carregando o berço... e que pesa!...

Estef.

Que feliz [*sic*] boneca! (Corina recebe-a e acalenta-a)

Júlia

(com o berço nos braços) Qual! Uma pobre enjeitadinha, que não tem pai nem mãe!

Simão

Enjeitada! Pronto a declarar-me pai da menina. (riso)

Teóf.

Ah; senhor! Acaba de matar-nos a esperança de achar mãe para a criança!... (risadas)

Simão

(a Pereira⁷) Eu não sei porque esta gente ri assim!...

Teóf.

E a menina dormiu ao doce calor dos seus braços: (a Corina)

V. Ex^a . há de por compaixão e caridade apresentá-la à pia... mas onde depositaremos o berço?...

Firmino

Neste gabinete (abre a porta onde entram Júlia e Corina)

Teóf.

Minhas senhoras, deixemos a menina dormindo. (segue-as)

Tomás⁸

(a Firmino) Que enchente de puerilidades; na comédia do mundo somente o dinheiro é coisa séria: e o senhor não quer crer!...

Simão

(a Pereira) Ainda não pude manifestar-me: não sei, como hei de conseguir que a moça olhe para mim...

⁷ Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato I esse personagem é denominado Tomás.

⁸ Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato I esse personagem é denominado Tomas.

*Pereira*⁹

(a Simão) Convide-a para dançar. (Júlia e Corina voltam)

Teóf.

(a Simão) V. Ex^a . terá a bondade de ser o padre que batize a criança... acho-o com jeito... com a aparência de cônego...

Simão

Aceito *in limine*: (a Pereira¹⁰) É um modo de me manifestar...

Teod.

Oh, nunca me trataste assim Firmino!

Firmino

E tu?... E tu?... Nossa casa era um paraíso... mudaste de caráter por amor de teu filho...., a tentação da riqueza...

Teod.

Sim... é isso... a fome de dinheiro.

Cena 6^a ¹¹

Firmino, Teodora e Estefânia

Estef.

Que dois pombinhos! Festejam-se mais ternos do que moças que (começa a rir)

⁹ Erro do manuscrito. Trata-se da cena 5.

¹⁰ Erro do manuscrito. Trata-se da cena 5.

¹¹ Erro do manuscrito. Trata-se da cena 5.

Teod.

Oh, que torpe sede de ouro!...

Firmino

Confessa: é por causa do teu Carlos que me vejo exposto ao mais triste desengano... Teófilo me roubará Corina!...

Júlia

Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

Teod.

É o senhor com o seu Peregrino: para que se casou comigo, se só vive pelo filho da sua defunta?

Firmino

Faço-lhe igual pergunta: tem a bondade de me responder!... creio, porém, que ali vai um teu rival. (vai-se)

Simão

(tomando o braço de Pereira¹²) Aquele padrinho me parece muito estúpido! (Pereira sorri — vão-se)

Cena 5^a ¹³

Firmino e Teodora

Firmino

Eis aí em que está dando o batizado da boneca!... Não me sujeitarei mais aos caprichos de Júlia.

¹² Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato1 este personagem é denominado Tomás.

¹³ Erro do manuscrito. Trata-se da cena 6.

Teodora

Júlia está bem castigada: sua esperança vai morrendo... já morreu talvez... Teófilo voltou-se para Corina.

Firmino

Uma indignidade e um perigo a mais!

Júlia

Minha afilhada dorme: vamos dançar?...

Teóf.

Decreto de rainha: (a Corina) é a nossa contradança... (baixo) por procuração... (oferecendo-lhe a mão)

Corina

Com o maior prazer. (toma-lhe a mão vão sair todos)

Fortunato

(a Estef. dando-lhe o braço) Que devo esperar?...

Estef.

(a Fortunato) Por ora nada; mas desesperar nunca. (Vão-se)

Carlos

(a Per.) A idolatria do ouro é esquilida, lá se rendem ternuras, dançando!

Teod.

Este nosso amor já é hábito, não merece elogio.

Firmino

É a felicidade pelo egoísmo... só cuidamos de nós. Eu tenho, porém, meus momentos de abnegação: aí lhe deixo a sua amiga. (vai-se)

Estef.

Tenho perdido toda a minha eloqüência esta noite: Corina não quer ouvir falar de Carlos: é preciso ser severa e um pouco clara e inclemente com ela: fecha a porta de tua casa ao filho do barão...

Teod.

É a primeira vez que eles se encontram. Julgávamos Teófilo apaixonado de Júlia...

Estef.

Vou ver como Teófilo e Corina se namoram. Estão tocando a indecência...

Teod.

Estefânia, que dizes?...

Estef.

Eu falo-te assim só por amor de Carlos... tolerar as loucuras desta noite é, sem dúvida, sacrifício obrigado ao decoro, e ao dever; mas desde amanhã ou só prepotente, austera, terrível, ou despede-te de Corina...

Teod.

Eu não devia ter saído da sala... vamos.

Estef.

Vamos... (indo) é porém tarde... a contradança acabou.

Teod.

Não importa. (vão-se; tem acabado a música)

Cena 7^a

Peregrino e Simão

Pereg.

Que tem?... que quer?...

Simão

Aquele padrinho que dança com ela quem é?...

Pereg.

É filho de um barão.

Simão

Assim não me diz nada, barão? Tenho uma dúzia de barões embrulhados na minha burra.

Pereg.

Chama-se Teófilo e é filho do barão do Lago Azul.

Simão

Do barão do Lago Azul!... Estou perdido. Vale muito mais do que eu... podia ser marquês ou duque... já não tenho ânimo de manifestar-me

Pereg.

Espere sempre... eu sirvo para alguma coisa

Simão

Qual! Se eu fosse mulher casava-me logo com o filho do barão do Lago Azul... vou-me embora...

Pereg.

Não... não... dance primeiro com a bela Corina, e ainda que ela se mostre indiferente e fria, tenha esperança... eu sustentarei a sua causa...

Simão

Não posso mais apresentar-me candidato... aquela firma é melhor que a minha...

Peregr.

Que homem desanimado!... Demore-se e mostre-se amável: olhe... isto é segredo de família... Teófilo tem outras intenções... creio que minha irmã...

Simão

Hein?... Que está dizendo?... Eu, porém, o vejo muito mais ocupado a conversar com a outra...

Peregr.

Disfarce de namorada...

Simão

O senhor dá-me alma nova... então tratarei de manifestar-me... mas não me engane...

Pereg.

Voltemos à sala... estão servindo o chá. (vão-se)

Cena 8^a

Júlia e Corina

Corina

Não tens razão... acredita-me

Júlia

Se tenho! É casquinha como os outros.

Corina

É prata de lei.

Júlia

Por isso estás perdida por ele.

Corina

Teófilo adora-te...

Júlia

Sim; já mo repetiu dez vezes e continua a dizê-lo; mas sem nunca te haver conhecido teve que dizer-te tanta coisa em voz baixa... ocupa-se tanto de ti...

Corina

É verdade...

Júlia

E tu pareces tão contente, tão feliz...

Corina

É verdade...

Júlia

Ah! confessas?... E então?...

Corina

Confesso o que acabas de dizer; juro, porém, que é a ti que ele ama.

Júlia

E tu?...

Corina

Confia em mim.

Júlia

Desta vez ficou-me um espinho no coração... Corina! Sabias que eu amava Teófilo...

Corina

E bendigo do teu amor... oh! Júlia tu nem pensas como eu amo o teu amor.

Júlia

Que fogo!... Mas ou eu não te posso entender ou tu és a sonsa mais refinada...

Corina

Aceito o dilema.

Júlia

Então... há um jogo...

Corina

Convenho.

Júlia

E esse jogo... esse jogo... Corina, tu contas ganhar?...

Corina

Se tu ganhares...

Júlia

Tu esperavas Teófilo?...

Corina

Esperava-o

Júlia

Corina!...

Corina

Não pude ver-te sofrer e julgar mal de mim... Deixei transpirar já metade do meu segredo: basta...

Júlia

Ah, sonsa!... tu amas... tu amas... ele o sabe?...

Corina

Atraíçoa-me agora, se quiseres...

Júlia

O que eu quero é entrar no jogo... já devias ter falado... como é a história toda?

Corina

Agora... aqui é impossível... depois eu te direi tudo.

Júlia

Mas se eu quero entrar no jogo!... Hei de perguntar a Teófilo... (sinal de contradança)

Corina

Júlia!

Júlia

Não dizes que é a mim que ele ama?

Corina

Pergunta-lho: o teu amor é a minha fiança.

Cena 9^a

Júlia, Corina, Teófilo e logo Simão, Firmino aparece e

desaparece, observando

Teóf.

Por ordem da música e da ambição de glória perturbo a conferência angélica. (a Júlia) Vim lembrar a V. Ex^a . a minha contradança... (oferecendo-lhe a mão)

Júlia

Posso perguntar, Corina?...

Corina

Podes.

Teóf.

Oh! E eu serei tão feliz que possa responder?...

Corina

Pode.

Júlia

Ainda bem! Vou entrar no jogo. (os três vão sair)

Simão

V. Ex^a . não pretende, creio eu, dançar com duas senhoras...

Teóf.

Pretendo, sim senhor...

Simão

Esta é nova! E como?

Teóf.

Dançando agora com uma e logo com a outra.

Simão

Ah! isso é claro... mas eu estava meio só...

Corina

O senhor me havia pedido esta contradança... com todo o prazer... (toma o braço a Simão)

Teóf.

De *vis-à-vis*¹⁴ conosco... sim?...

Simão

Não faço questão de *vis-à-vis*... (de mau modo)

Teóf.

Admirável! De *vis-à-vis* toda a noite! (vão-se)

Cena 10ª

Firmino e Peregrino

Peregrino

(moitando) Vê, meu pai?...

Firmino

Agora ao menos é Júlia o seu par!...

Peregr.

Corina não podia sê-lo sempre.

Firmino

Mas Júlia estava contrariada e agora vai radiante.

Peregr.

Também desconfio de Júlia.

¹⁴ Diz-se da pessoa colocada defronte de outra num bailado, quadrilha ou outra dança do tipo.

Firmino

Ela ama Teófilo, não é admissível que conspire contra o seu amor.

Pereg.

Mas os dois namorados acharam meio de iludi-la, e de abusar da sua credulidade.

Firmino

Nesse caso deves lamentar tua irmã, e não desconfiar dela...

Pereg.

É que Júlia deixa-se enganar com simplicidade pueril!... Meu pai me desculpe... é natural que eu esteja desensofrido...

Firmino

Tens razão: tudo nos contraria: até havia de acontecer que teu padrinho adoecesse hoje, para que a filha não pudesse vir!...

Peregr.

Mas que lembrança infeliz a de Júlia com a sua maldita boneca!...

Firmino

Pensas que não me tenho arrependido desta malfadada reunião?...Mmas que hei de fazer agora?.. É indispensável mostrar o rosto alegre...

Peregr.

Sem dúvida: hoje é sofrer com paciência; mas desde amanhã, meu pai...

Firmino

O que?

Peregr.

Sempre sou transparente aos olhos de meu pai: Corina é o meu brilhante futuro pela sua riqueza; mais do que isso, é a regeneração da fortuna paterna pela dedicação e pela diligência do filho enriquecido.

Firmino

Sei tudo isso, mas só me lembro de ti.

Peregr.

Tão importante fim deve ser atingido por todos os meios e sem hesitação nem demora.

Firmino

Portanto... (soa sempre a música)

Peregrino

Meu pai, Corina é simplesmente uma boneca rica.

Firmino

E assim...

Peregrino

Uma boneca não tem vontade, nem ação própria.

Firmino

Compreendo; tenho, porém, fora de casa, o juiz dos órfãos a quem aliás é fácil enganar, e enfim confundir impunemente com um casamento consumado, e dentro de casa, o que é pior, minha mulher contra nós, minha mulher que me transtorna todos os esforços e todos os planos.

Peregr.

Por isso mesmo... exatamente por isso mesmo.

Firmino

Explica-te... fala claro...

Peregrino

O que me parece: que meu pai deve ajudar-me a fazer para que a boneca rica me pertença a despeito do juiz dos órfãos e de minha madrasta!...

Firmino

Sim... sim...

Pereg.

Como me é preciso proceder para possuir a boneca rica?...

Firmino

Estás hoje insuportável! Dize de uma vez.

Peregr.

Meu pai há de vê-lo hoje mesmo e dentro em poucos minutos em um apólogo vivo.

Firmino

Mas que é?... (cessa a música)

Peregr.

A noite é de contrariedade e de paciência forçada; espere. Meu pai me perdoe; eu lhe peço o favor de ir observar se os seus convidados já se preparam e se o ordenam para a cena burlesca do batizado da boneca de Júlia; creio que é a hora aprazada...

Firmino

Sim... é meia-noite... o tal batismo tem de preceder à ceia.

Peregr.

Meu pai, por quem é... vá ver...

Firmino

Que aborrecíveis mistérios!... (vai-se)

Cena 11ª

Peregrino e logo Firmino

Peregr.

(olha em torno... e apressado entra no gabinete)

Firmino

(voltando) Já vem todos... Peregrino! Peregrino! (Sai Peregr. do gabinete) Que fazias aí?

Peregr.

Preparava o apólogo... o apólogo que é lição.

Firmino

Ei-los que chegam...

Cena 12^a

Peregr. Firmino, Carlos, Simão, Tomás¹⁵, Teófilo, Fortunato, Estefânia, Teodora, Júlia, Corina, senhoras, cavalheiros. Teófilo traz uma salva contendo rosas desfolhadas, Corina imensa toalha de renda, Júlia um manto de renda (ilegível) próprio de senhora.

Teófilo

Eu entrego a pia ao sacristão...

Estef.

Quem é o sacristão?

Teóf.

O mais moço e o mais bonito do sexo masculino: (à Simão) não se adiante que não é o senhor...
(à Carlos) É o senhor Carlos.

Simão

(a Pereg) Que homem impertinente! eu não me adiantei... ele é que parece querer divertir-se comigo!

Carlos

(recebendo a salva) Obedeço: fico sendo sacristão de bonecas.

Teóf.

Agora o padre à frente: senhor Simão, tenha a bondade de chegar-se...

¹⁵ Erro do manuscrito. O personagem chama-se Tomás Pereira.

Simão

(a Pereira¹⁶) Isto cheira-me a zombaria... que diz?...

Pereira¹⁷

(à Simão) Carlos prestou-se logo... não se faça rogado...

Simão

(a Per^a ¹⁸) Com efeito... em todo caso a preferência me distingue... e eu me manifesto. (chega a frente)

Teóf.

Eu o paramento... permita. (toma de Júlia o manto e o põe nos ombros de Simão) Agora o barrete de cônego: (põe-lhe na cabeça o chapéu roxo de Estef.) Perfeitamente!... A madrinha a meu lado: estamos prontos. (a Cor.) Tenha V. Ex^a. a bondade de ir buscar e de apresentar a menina, como se chama ela?...

Corina

A madrinha é que o sabe.(entra no gabinete)

Júlia

Esperança...

Teóf.

O cônego tem de fazer um discurso, e o sacristão de improvisar um soneto...

Carlos

Improvisarei um soneto...

¹⁶ Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato 1 esse mesmo personagem é denominado Tomás.

¹⁷ Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato 1 esse mesmo personagem é denominado Tomás.

¹⁸ Erro do manuscrito. Na cena 5 do Ato 1 esse mesmo personagem é denominado Tomás.

Simão

Discurso eu não faço... protesto...

Corina

(da porta do gabinete) A boneca não está no berço!...

Júlia

A minha boneca!... (corre para o gabinete)

Teodora

Como é isto?... Desapareceu a boneca?...

Carlos

O caso seria romanesco!

Júlia

(saindo aflita) Furtaram a minha boneca!

Corina

(saindo) Sem dúvida que a furtaram... não está lá!...

Vozes

Oh! Oh!... (movimento)

Teodora

É incrível!...

Teóf.

Quem ousou roubar a Esperança? Em nome da beleza e da aflição da madrinha, restitua a menina!...

Estef.

Ficamos então sem o batizado?...

Júlia

A minha boneca!... Que mau brinquedo!...

Teóf.

(tomando a salva de Carlos) Em falta da menina receba a madrinha o batismo de flores. (senta as flores sobre Júlia)

Júlia

A minha boneca!... (recebendo a chuva de flores)

Teóf.

Vamos procurá-la por toda parte: eu piano! A madrinha cantará... a menina roubada há de por força acudir nos milagres da harmonia e da voz mais terna!...

Júlia

Não poderei cantar!...

Teóf.

Nesse caso faremos corpo de delito e iniciaremos um processo criminal... demito de cônego ao sr. Simão e o nomeio delegado de polícia... vamos fazer vingar o império da lei..., vamos... d. Júlia por amor da Esperança... vamos!... (vão-se todos, menos Firmino e Peregrino)

Firmino

(ao fundo depois de todos se retirarem) Peregrino, como foi isto?...

Peregrino

(tirando a boneca do bolso e mostrando-a) É o apólogo, meu pai; por meio de um rapto apoderei-me da boneca rica... (com intenção) que ficou no meu bolso.

Firmino

Oh!... O rapto!!!

Fim do 3º ato

Ato 4º

Sala da recepção; portas laterais; porta de entrada no fundo;

janela

Cena 1ª

Firmino, Teodora, Carlos, Júlia; Corina bordando

Firmino

(a Teodora) A hora se aproxima: não achas conveniente mandar Corina para dentro? (na frente com Teodora)

Teodora

(a Firmino) Não... não... eu sou mãe e não me engano: é Júlia que ele ama... e a carta e a visita solene...

Firmino

(a Teodora) Se vier pedir-me Corina, eu lha negarei, mas seria imprudência que ela estivesse presente... se for Júlia, que importa a ausência da outra?...

Teodora

(a Firmino) Ele repararia na ausência... mostrou interessar-se muito por Corina... pelo menos não é delicado escondê-la... deixe-mo-lo vir.

Carlos

(a Corina) Há nesse rosto que está bordando aparências de retrato... creio que conheço um nariz com esse...

Júlia

(a Carlos) E que tens tu com o nariz do bordado de Corina? Ela tem tanto direito de copiar teu conhecido, como tu de furtar pensamentos e versos de poetas que lê.

Carlos

Isso é aleive revoltante: na Sociedade Filopoética tenho reputação de original. (Firmino e Teodora conversam)

Júlia

Mas a tua originalidade é só em composições que não tem senso comum.

Carlos

Segue-se que as minhas composições poéticas se parecem muito contigo.

Teodora

Já vocês estão a brigar! Carlos, Júlia é uma senhora.

Júlia

Mamãe, é preciso que Carlos não publique mais poesia alguma que não tenha passado pela minha censura; ele se desacredita por plagiário...

Carlos

Ouve-a?... É uma injúria...

Teodora

Não vês que ela se diverte contigo?... (a Firmino) Estás enganado...

Firmino

(a Teodora) Verás... é Corina que ele vem pedir-nos em casamento.

Teodora

(a Firmino) Terás sempre tempo de mandá-la sair; agora nem temos o recurso ou o pretexto da companhia de nossa velha. É verdade... (voltando-se) sabem onde foi minha tia, que tanto se demora?...

Corina

Eu não sei.

Firmino

Aposto que subiu ao castelo, se está confessando com algum frade barbadinho.

Teod.

Talvez: com o júbilo do concílio de Roma triplicou de devoção e de penitência.

Júlia

E tu já te confessaste, Carlos? Precisas fazê-lo...

Carlos

Não tenho contas a dar-te, e nem estou para graças: (tomando o chapéu — à Teodora e Firm.) Eu saio... com licença: vou à sessão do Senado...

Teod.

É melhor; vai.

Júlia

Quem perde com a tua ausência, sou eu, ingrato! (vai-se Carlos)

Cena 2^a

*Firmino e Teodora, na frente; Júlia e Corina sentadas
bordando; Firmino e Teodora conversam.*

Corina

(a Júlia) Estão a fazer castelos à espera da visita.

Júlia

(à Corina) Sem Carlos ao pé de mim não posso dissimular... estou tremendo...

Corina

(a Júlia) Cala a boca.

Júlia

(a Corina) Se meus pais adivinhassem tudo...

Corina

(a Júlia) Pelo amor de Deus!...

Firmino

(a Teodora, abrindo o relógio) Chega a hora... Corina não devia estar aqui...

Teodora

(a Firmino) Não é natural separá-la de nós: esquece Corina, e lembra-te de nosso filho.

Júlia

(a Corina) Vamos sair da sala?... Eu sinto frio e fogo... nem sei que sinto... vamos sair...

Corina

(a Júlia) Não... domina-te... finge-te alheia a tudo.

Júlia

(a Corina) Como estou nervosa!... É um tremor...

Firmino

Nervosa?... Que é... com efeito... (tomando-lhe a mão) trêmula e fria como o gelo. Júlia! estás incomodada?...

Júlia

Não sei papai... foi de repente... sem causa...

Firmino

Oh! Teodora! Ela não está boa...

Teodora

(trazendo Firmino à frente) Não há de ser nada... (a Firmino) Que simplicidade a tua! Não vêes que Júlia espera por Teófilo!...

Firmino

(a Teodora) Como os filhos nos enganam!... (voltando-se) Parou um carro à porta... (indo à porta)

Júlia

(estremecendo e querendo levantar-se) Eu fujo...

Corina

(a Júlia) Da felicidade, Júlia?...

Cena 3^a

Firmino; Teodora; Júlia; Corina (criado que logo sai) e

Teófilo

Criado

O senhor Teófilo de Carvalho. (vai-se)

Teóf.

Minha senhora... minhas senhoras... senhor Firmino...

Firmino

Como passou V. Ex^a .?... tenha a bondade de sentar-se.

Teóf.

(sentando-se) Profundamente penhorado me confesso pela extrema delicadeza com que V. Ex^a se dignaram em receber tão prontamente a minha visita...

Teod.

De nossa parte havia mais do que dever, gratidão e glória...

Firmino

Estas meninas iam recolher-se, quando V. Ex^a . chegou. A retirada de ambas nos deixaria em plena liberdade sem inconveniente algum, se V. Ex^a . não ordenar o contrário...

Teóf.

Eu vim somente para ouvir e obedecer; mas com franqueza, o assunto de que me devo ocupar diz respeito a uma das duas senhoras, e nem por isso é exigente a ausência da outra.

Firmino

Senhor Teófilo ordena-lhes que fiquem...

Teóf.

Senhor Firmino, minha senhora, tenho a honra de vir pedir a V. Ex^a s a sr^a d. Júlia em casamento.

Firmino

Júlia?... Oh!...

Teodora

A proposição de V. Ex^a . nos exalta muito e estou certa que Júlia sente e pensa como seus pais.

Firmino

Sem a menor dúvida... Júlia, responde...

Teóf.

(a Júlia) Minha senhora...

Teóf.

Fala, menina...

Júlia

Senhor... meus pais responderam por mim. (trêmula)

Teóf.

Oh!... É mais do que mereço! (beija a mão de Júlia)

Firmino

Este dia é o mais feliz da minha vida! Devo crer que o senhor barão do Lago Azul...

Teóf.

Autorizou, aprovou e abençoa a escolha do meu coração.

Teod.

Minha Júlia (abraça-a)

Firmino

Perdoe-me... mas a felicidade tem suas ânsias: nós nos entregamos ao seu arbítrio... Júlia será sua esposa, é já sua noiva; mas a mim que sou pai, é lícito perguntar, quando deseja que se realize o seu casamento...

Teóf.

Por mim eu o quisera amanhã: e quase adia a própria data; tenho porém uma dependência que me pode prender até um ano.

Teod.

Um ano!...

Teóf.

Imprudente compromisso de estudante; eu e um íntimo amigo, com quem fraternizo desde o colégio, ajustamos que se fosse possível, nos casaríamos à mesma hora e na mesma igreja, e que para isso aquele que primeiro contratasse casamento, preveniria o outro, correndo-lhe o dever de esperar um ano para a execução do compromisso.

Firmino

Mas esse amigo... já talvez tenha também encontrado.

Teóf.

Amou antes de mim; a noiva de sua escolha foi-lhe porém negada.

Firmino

Ah, mas nesse caso...

Teóf.

Ele não desanimou ainda, e confia no seu amor...

Teod.

É da corte o seu amigo?

Teóf.

É; a sua amada não sei; respeitei o segredo que ele não me revelou espontaneamente: o meu amigo V. Ex^{as} sem dúvida conhecem, é o dr. André de Araújo...

Firmino

Oh!... (emoção de Corina)

Teodora

Senhor Teófilo... o segredo do seu amigo...

Firmino

Sobre este assunto hei de explicar-me com V. Ex^a . em particular... e o dr. André de Araújo...

Teóf.

Perdão: não tenho amigo a quem preze tanto, como ao dr. André; mas o seu projeto de casamento apenas influi sobre o meu, podendo obrigar-me a esperar até um ano, conforme o nosso desastrado ajuste. Quanto ao mais sei que André foi reservado comigo e basta isso para que eu me ocupe exclusivamente da minha felicidade.

Firmino

Aplaudo o seu ótimo juízo; por amor de Júlia, porém, se o dr. André não pode obter a mão da noiva que desejava, a influência de sua amizade conseguirá levá-lo a fazer em breves meses, outra e mais oportuna escolha. (movimento de Corina)

Teóf.

Outra vez perdão: se nem procuro conhecer-lhe o amor, também não me é lícito combatê-lo. Vou esperar um século, se d. Júlia quiser esperar-me um ano.

Júlia

E deve ser assim...

Teóf.

A glória que mereci, me embriaga... (levantando-se) O coração pede-me expansões, e almeja mandar longe as suas alegrias.

Teodora

Pois quer deixar-nos já?...

Teóf.

Tenho pressa de felicitar meu pai pela encantadora filha que lhe vou dar. Despacharei hoje mesmo um próprio. Se me for permitido voltarei freqüentemente...

Firmino

Todos os dias...

Teodora

Não vai ser nosso filho?... Olhe-nos já como sua família.

Teóf.

E preso para sempre por duas cadeias de flores, a do amor... e a da gratidão. Minha senhora... (Teodora o abraça) d. Júlia... (beija-lhe a mão) minha senhora... (aperta a mão de Corina) senhor Firmino!...

Firmino

Um abraço bem apertado! (abraçam-se, vai-se Teófilo; Firmino e Teodora o acompanham)

Cena 4^a

Júlia, Corina: Firmino e Teodora que voltam

Corina

É ou não prata de lei?

Júlia

Prata de lei? É brilhante sem jaça.

Teod.

(abraçando Júlia) Minha filha, Deus ouviu os votos de tua mãe!...

Firmino

E eu? E eu?... Júlia, não tenho um abraço?... (abraça)

Teod.

É pena somente que não se case já... é pena!...

Firmino

E por causa de um libertino... de um homem que se diverte a enganar pobres moças com esperanças de casamento que nunca se realiza!...

Teod.

Conheces de perto esse doutor André?

Firmino

De perto não o quero ver... mas de longe conheço-o pelos desatinos e costumes desenvoltos...

Teod.

Ah! Então é amizade bem ruim para Teófilo. (tomando-o à parte) Estás se excedendo... toma cuidado...

Firmino

(a Teodora) Este embaraço é terrível... devemos casar Corina antes de oito dias... (conversam com viveza)

Corina

(a Júlia) Que injustiça... que crueldade...

Júlia

(a Corina) Queres ver como faço a minha entrada no jogo?...

Corina

(a Júlia) Júlia!... Sê discreta.

Júlia

(suspirando) Ai!... Ai!...

Firmino

Júlia... gemeste?...

Júlia

(chegando-se) Papai... eu confesso que não posso esperar um ano.

Firmino

Com esta contava eu! Menina, isso não é bonito.

Júlia

É melhor papai entender-se com o sr. Teófilo e com esse doutor André...

Firmino

Não sabes o que dizes....., tens a cabeça perdida.

Júlia

Ora... papai talvez conheça a família da moça com quem o doutor quer casar, e interessando-se

por este resolveria tudo em meu favor...

Firmino

É claro que estou metido em uma roda viva...

Teod.

Júlia, é necessário mostrar juízo...

Júlia

Mamãe, esperar um ano eu não posso. Declaro que não hei de esperar um ano!!! (com viveza)

Cena 5ª

Firmino, Teodora, Júlia, Corina, e Suzana muito fatigada

Carlos

Não houve sessão no Senado por falta de quorum; mas em compensação encontrei a tia Suzana ao chegar em casa.

Júlia

(correndo) Tia Suzana!... Não sabe?...

Teod.

Menina!... Menina!...

Firmino

A senhora nos estava dando cuidado...

Suzana

Deixem-me descansar... (senta-se, toda (ilegível)) andei muito! Nem em moça... quando... na quinta-feira de endoenças¹⁹ saía a visitar as igrejas...

Teod.

E onde foi, minha tia?...

Suzana

Deixem-me descansar. (respira descansando)

Júlia

(a Corina) Esquece esse bordado, Corina.

Carlos

Pois ainda trabalha?

Corina

Esquecê-lo? O bordado me faz não sentir as horas que passam: o que mais gosto de esquecer... é o tempo.

Júlia

Tens razão: o tempo custa muito a passar! E um ano então!...

Suzana

Ah!... (respirando)

Firmino

Está menos fatigada?...

¹⁹ Quinta-feira da Semana Santa

Teod.

Por onde andou?...

Suzana

Andei por *[sic]* onde me levou o amor do próximo: eu tenho rezado três noites em relação ao meu sentido, e tenho para mim que foi o Senhor que me inspirou o que fiz.

Firmino

E é segredo de devoção ou de penitência?...

Suzana

Para que segredos? O que não é justo, não se faça; o que é justo, faça-se com os olhos em Deus e sem temor dos homens. Corina, vem cá. (Corina obedece Suzana e a chega)

Teod.

Que temos de novo!

Suzana

O doutor André de Araújo e Corina se amam...

Firmino

Se amam?!!!

Corina

Tia Suzana...

Suzana

Firmino, tu negaste a mão de tua pupila ao doutor André e eu quis convencer-me da justiça dessa recusa: tenho ainda bons amigos do outro tempo, que receberam em festa a velha Suzana: inquiri a todos, a todos ouvi...

Firmino

(Severo à Corina) Retire-se para o seu quarto...

Suzana

(abraçando Corina pela cintura) Não: que mal faz que ela ouça o que já sabe?

Teod.

Minha tia, que imprudência é essa?...

Suzana

Voltei com os ouvidos cheios de elogios ao doutor André: não houve boca que não lhe louvasse as virtudes, não achei coração que o não amasse: como é isso, Firmino?... Além de seus tesouros morais, ele nem pode ser suspeito de interesseiro, porque não é menos rico do que Corina, e tem as mãos abertas para dar aos pobres.

Firmino

E quem a convidou a envolver-se neste assunto?...

Suzana

Os pais de André e de Corina foram amigos: a afeição dos dois jovens começou na mais pura ligação de suas famílias, e hoje o amor que os está fazendo sofrer na terra, é sem dúvida abençoado no céu. Firmino! com que direito impedes a felicidade da tua pupila?...

Firmino

Donde lhe vieram tais informações?... Mas eu estou vendo... vejo na confusão da hipocrisia...

Suzana

Corina me confessou o seu amor, é verdade: ama um homem digno dela, o seu tutor devia aplaudir a sua escolha, mas aqui se premedita um crime de lesa orfandade; tu por Peregrino, Teodora por Carlos, não quereis que haja fogo santo no altar deste coração inocente!

Firmino

Inocente... ela que engana seu tutor!...

Suzana

Oh! Vocês não imaginam que crimes intentam cometer! Pensem bem: o despojo recolhido pelo salteador chama-se roubo, porque é tomado com violência e abuso da força: como se há de chamar a usurpação do dote de uma pupila tomado por meio de casamento imposto pela violência e pelo abuso da autoridade do tutor?...

Firmino

Senhora!...

Teod.

Minha tia!...

Suzana

Eu digo que vocês não pensam no que fazem, mas isso é pecado que brada ao céu!... Oh, faço idéia do que irá por esse mundo com as desgraçadas pupilas ricas! Quantas mártires! Quantos tutores e mulheres de tutores que para enriquecer seus filhos, esmagam os corações e lançam para sempre no abismo da desgraça as míseras órfãs.

Teod.

Minha tia nos ultraja.

Suzana

(em pé) Meu Deus! se não há na terra leis que tornem impossíveis tais atentados, sede misericordioso, Senhor, com os pais que morrem esquecidos das suas almas e absolvidos nas aflições do mundo, porque não haverá pai nem mãe que não morram nesse pecado, deixando filha menor exposta à opressão e aos tormentos do tutor ambicioso! Perdoai a esses, meu Deus! E amaldiçoados sejam os tutores que sacrificam as pupilas!

Firmino

(a Teod.) Faze calar tua tia... ou não me contenho mais.

Suzana

Disse-vos a verdade: refleti no que tendes feito e tentares fazer: por mim eu me declaro mãe desta menina; mãe no serviço do Senhor: se atentares contra a liberdade de Corina, a pobre velha sairá para sempre da casa do crime; saindo, porém, há de ir logo denunciar ao juiz dos órfãos, ao povo, ao rei o martírio da órfã, e a tirania dos algozes.

Teod.

Denunciar-nos!...

Firmino

É uma velha demente...

Suzana

Sou apenas uma triste pecadora, mas temente a Deus nosso Senhor, o que disse não foi por mal: eu vos amo e padeço pela cegueira com que vos vejo atirados na perdição: pensai bem no que me ouvistes, meus filhos!... Agora vou descansar: vem comigo, Corina, vem...

Firmino

Doravante proíbo a Corina a sua companhia.

Suzana

Na minha companhia será sempre honesta e pura: sou sua mãe no serviço do Senhor: ela há de vir comigo... quero poupa-la às tuas asperezas... (a Firmino) afasta-te!...

Firmino

(tomando-lhe o passo) Quem manda aqui, senhora?...

Suzana

(levantando a cabeça) Aqui e em toda parte, acima de todos... Deus! (comoção: Firmino recua um passo: Suzana passa com Corina)

Cena 6^a

Firmino: Teod.: Júlia: Carlos

Firmino

Fanática e demente!... E no fanatismo e na demência a língua desenvolta e envenenada!...

Teod.

Com efeito! Minha tia sempre foi intratável com os seus escrúpulos e casos de consciência; nunca porém a vi tão desatinada e insensata!...

Carlos

Insensata!...

Firmino

Tenho-a sofrido muito! E se não fosse a sua velhice e a minha reputação, despedi-la-ia de nossa casa, provando assim como desprezo o que ela possui, e que de direito herdaríamos por sua morte... Despedi-la-ia...

Teod.

Firmino, ela é irmã de minha mãe...

Firmino

Ao menos não quero que continue a desmoralizar Corina: recomendo-te que faças cortar todas, absolutamente todas as suas relações. (passeia agitado)

Carlos

(a Teodora) Minha mãe...

Teod.

Que queres?... Bem vês que devo estar preocupada...

Carlos

Eu também: é por isso que desejava dizer-lhe já...

Teod.

O que?...

Carlos

Qualquer idéia que tenha havido de casar-me com Corina, a pupila de meu padrasto, não é mais concebível de hoje em diante.

Teod.

E por que?

Carlos

Porque a tia Suzana disse a verdade.

Firmino

(com aspereza) A verdade?!!!

Júlia

(oferecendo a mão a Carlos que a afasta) Muito bem Meu irmão! meu Carlos! Acabas de improvisar um belo poema: muito bem...

Firmino

Também tu?...

Júlia

Também: papai, eu o sinto... o que a tia Suzana disse, caíra-lhe do céu no coração... foi voz de Deus falando pela boca de uma santa velha... chorei ouvindo-a... chorei...

Teod.

Tola!

Júlia

Tola?... Papai e mamãe adoram-me: adoram-me tanto que eu vejo bem que muitas vezes abuso caprichosa. Papai e mamãe vivem por mim... são felizes com as minhas alegrias doidas... atormentar-se-iam um século para que eu não padecesse um dia... eu sei... adoram-me.

Teod.

Feiticeira!...

Firmino

Se és um anjo, minha filha!...

Júlia

Façam pois de conta... a idéia é horrível, mas é força imaginá-la... meu Deus! Perdoai-me a idéia medonha, eu, porém, sou ainda menor... e papai e mamãe estão ali a morrer... (profundamente

comovida) eu, sua filha querida, em consternação a chorar... a estender os braços... a pedir compaixão e misericórdia... no pé de mim o tutor que escolheram... papai e mamãe agonizando abraçados comigo... (chorando) e com os olhos em meu tutor pedindo amor e piedade para sua filha, depois o horror da morte. Sua filha querida só no mundo... e depois... o meu tutor oprimindo-me... o meu tutor atormentando-me... e violentando o meu coração... impondo-me a escravidão de um casamento forçado. Papai, mamãe... a sua Júlia, a sua filha, o seu anjo a gemer... a chorar... a padecer... a desejar a morte...

Firmino

(em pranto) Minha filha!...

Teod.

(chorando) Júlia, minha Júlia!...

Carlos

(soluçando) Minha irmã... muito bem!... eu não brigo mais contigo.

Júlia

Oh!... E Corina?... Papai, mamãe, o pai e a mãe de Corina que morreram deixando-a só no mundo?... Oh!... E o papai e a mamãe de Corina? (tristíssima)

Teod.

Minha filha, tu és uma santa, que ainda vives no céu

Carlos

Segue-se que a terra pode parecer o céu com o cumprimento da lei a paternidade.

Firmino

Mas é preciso viver neste mundo com as condições deste mundo.

Júlia

Oh, papai!

Firmino

Corina se há de casar com quem deve casar-se.

Teod.

Pensa mais em ti do que em Corina: confia em teu pai que é um tutor honrado e consciencioso.

Carlos

Ficando entendido que eu estou absolutamente fora de todo e qualquer projeto de casamento,

Júlia

(Em outro tom e revoltada) E pela minha parte protesto, que não posso e não hei de esperar um ano.

Teod.

Isto é fora de propósito!...

Júlia

Eu não fico aí: acabo de tomar uma resolução definitiva.

Firmino

Qual?... Vejamos...

Júlia

É inútil pensar no meu casamento com Teófilo, se Corina não se casar com o doutor André.

Firmino

Oh! Dir-se-ia uma conspiração geral!... é a guerra no seio da família... Teodora, livra-me de Júlia.

Teod.

Estás afligindo teu pai; vem, menina. Carlos...

Carlos

Eu vou trabalhar no meu romance. (vão-se os três)

Cena 7^a

Firmino e Peregrino

Peregrino

(a Firmino que vai entrar no gabinete) Meu pai.

Firmino

Ah! Peregrino... se soubesses...

Pereg.

Sei tudo já: Teófilo é o noivo de Júlia, e de ajuste com esta e com sua pupila protege a causa do doutor André e lhe prepara o triunfo.

Firmino

Pensas!... Teófilo...

Pereg.

A maquinação é patente: sei mais que a tia Suzana impelida por Corina.

Firmino

Quem te informou de tudo?...

Peregr.

Foi Silvia, a criada de Corina, que me está dedicada.

Firmino

Ah! Silvia... contanto que ela não venda também a outro essa dedicação, que sem dúvida lhe compraste: bem vês que devo desconfiar de todos... o nosso empenho vai mal, Peregrino...

Peregr.

Sim, meu pai, o dia é sinistro para mim. Simão de Souza fechou-me a bolsa, e deixei por isso de arrematar hoje dez escravos.

Firmino

Fechou-te a bolsa?... E por quê?

Peregr.

Anteontem à noite Corina repeliu, como eu esperava, as suas pretensões... e... o que foi pior, e ninguém o suspeitaria, minha madrasta provavelmente com o fim de poupar a seu filho um rival a mais, confessou a Simão de Souza um segredo revoltante...

Firmino

Qual?...

Peregr.

O de minhas relações de amor com a pupila de meu pai...

Firmino

É falso! é impossível!... A desonra de Corina!...

Peregr.

Uma dose de veneno, que só a mim pode aproveitar: sem o querer minha madrasta me auxilia...

Firmino

Peregrino! Teodora é incapaz dessa infâmia! Simão de Souza mentiu...

Peregr.

E se além dele mais alguém tivesse recebido a mesma confiança?...

Firmino

Peregrino... isto é demais... é horrível... minha mulher é vítima de um aleive perverso...

Peregr.

Tranqüilize-se, meu pai... creio também que caluniam minha madrasta, cuja inocência há de brilhar a toda a luz; mas o ardil de Teófilo, a conivência de Júlia, a intervenção da tia Suzana, esse mesmo aleive perverso que ofende em sua esposa anunciam que a minha causa está perdida se não a salvarmos com o extremo recurso.

Firmino

Sempre a idéia do rapto...

Peregr.

É o meio vulgar, mas infalível. (aparece Teodora)

Firmino

E as conseqüências?

Peregr.

Realizado o rapto, o casamento com o raptor satisfaz a lei, e a sociedade o sanciona depois de murmurar alguns dias.

Firmino

E eu?... Nunca pensas no tutor!...

Peregr.

Delineei plano seguro, no qual meu pai fica livre de toda a responsabilidade...

Cena 8ª

*Firmino: Peregrino: e Teodora que tem parado à porta e
vai logo entrar no gabinete.*

Firmino

Com efeito... as circunstâncias urgem, mas eu não quisera recorrer a esse crime...

Peregr.

Quem recorre sou eu. Meu pai é vítima da minha traição...

Firmino

Se fosse exequível...

Peregr.

O meu plano?... Seguríssimo: eu lho exponho (vai fechar a porta de entrada depois de observar a do interior)

Firmino

Não tranques a porta: vamos fechar-nos no meu gabinete.

Peregr.

Tem razão: é mais prudente. (vai-se: aparece Teodora à porta)

Firmino

Teodora!

Peregrino

(ao mesmo tempo e recuando) Oh!...

Teod.

Um rapto!!

Firmino

Silêncio!... A senhora vai escutar-nos?...

Teod.

Eu vinha dizer-te que desisto de todos os meus intentos relativamente a Carlos e a tua pupila.

Firmino

Melhor: está simplificada a questão.

Teod.

Vinha dizer-te que por amor de nossa filha a cujo casamento não devemos criar embaraços, te cumpre ir já tratar do consórcio de Corina com o amigo de Teófilo.

Firmino

Ah!... Pois que Carlos se revolta, e te desobedece...

Teod.

Vinha dizer-te... mas ouvi a palavra rapto e quis saber tudo: escutei... sim... e o que fiquei sabendo é ignóbil.

Firmino

Teodora!...

Teod.

A madrasta era indigna, talvez malvada, porque desejava casar o filho com uma jovem rica, e o enteado, (para Peregrino) e o senhor... é a alma cândida, santo mártir, quando prepara o plano do rapto da pupila de seu pai!...

Firmino

Basta... basta...

Teod.

É um homem honesto, tipo de virtudes, exemplo de pureza, quando premedita a vergonha da própria família, a difamação da casa paterna...

Firmino

Peregrino... retira-te! (Peregr. imóvel)

Teod.

É um filho modelo que atira às garras da maledicência; — o nome de teu pai, que faz da desonra de teu pai o fundamento da tua fortuna!

Firmino

Ponhamos termo a esta cena... Teodora!...

Teod.

É um irmão sublime, que, comprometendo o casamento de sua irmã, quer pela infâmia do rapto arrebatara a riqueza de uma órfã que o despreza!...

Firmino

Senhora!...

Peregr.

Perdão, minha madrastra! Ao menos cuidado em pagar a dívida mais sagrada: ouça-me bem! Testemunhas Simão de Souza e d. Estefânia: quero regenerar com o casamento, a vítima de minha sedução, a amante que a senhora me deu na casa de meu pai!

Teodora

(confundida) Oh!

Firmino

Desgraçada!... Que calúnia atroz!!!

Fim do 4º Ato

Ato 5º

a mesma cena do 4º ato

Cena 1ª

Firmino: Peregrino: e Silvia que logo se retira

Firmino

Que demora!

Silvia

Eu estava no 2º andar.

Firmino

E Corina?

Silvia

Recolheu-se ao quarto da sr^a. d. Suzana.

Firmino

Ainda!

Peregr.

Procurou a melhor companhia que pode ter na ausência de minha madrasta.

Firmino

Em todo caso não te afastes do lugar onde ela se acha, e cumpre as ordens que tens recebido.
(entra no gabinete)

Peregr.

Silvia, põe-te a janela, e se minha madrasta chegar antes que eu tenha saído, corre logo a prevenir-me. Basta que te mostres à porta desta sala.

Silvia

Pode ficar descansado.

Peregr.

Com certeza d. Corina não recebeu hoje carta, nem recado?...

Silvia

Nem recado, nem carta.

Peregr.

Vai para a janela. (vai-se Silvia)

Firmino

(saindo) Paga bem a essa criada: é o único meio de impedir que ela venda iguais serviços a outro.

Peregr.

Não terá tempo: amanhã será o dia afortunado, se minha madrastra não se opuser à partida de Corina.

Firmino

Teodora abateu-se, coitada: parece castigar-se pela injusta difamação de Corina: já lhe perdoei; perdoa-lhe também: foi devaneio de mãe.

Peregr.

Aprova ela a retirada da sua pupila para a chácara de Andaraí?

Firmino

Tanto ela como Corina concordaram nisso desde que souberam que a tia Suzana vai também para a chácara.

Peregr.

Eis o essencial: o mais é simples.

Firmino

Peregrino, nós nos expomos a um grande opróbrio; que ao menos o resultado compense o escândalo.

Peregr.

Agora o meu empenho é salvar meu pai da mais leve suspeita de conivência comigo. Amanhã de manhã vossa mercê escreverá ao dr. André, marcando-lhe dia e hora para tratar do seu casamento com a sua pupila, a quem dará a agradável notícia; a retirada para a chácara explica-se pela conveniência de separar Corina de mim e de Carlos que pretendíamos a sua mão.

Firmino

E que mais, Peregrino?...

Peregr.

Amanhã vossa mercê procurará o juiz dos órfãos que, sem dúvida, tomará todas as suas resoluções e principalmente aquela que fará distanciar de seus filhos a noiva do dr. André.

Firmino

E à tarde levarei Corina e a tia Suzana para a chácara...

Peregr.

E Silvia e Roberto as acompanharão, ficando lá a seu serviço e em sua guarda...

Firmino

E tu?...

Peregr.

A chácara é solitária, meu pai; as noites de junho são longas, e as que estão correndo agora, escuras e propícias aos ladrões e aos amantes: Silvia e Roberto me estão dedicados; o seu feitor é criatura minha, e tarde, bem tarde, vossa mercê saberá que um filho ingrato lhe roubou a pupila.

Firmino

Peregrino!

Peregr.

Tenho tudo pronto, meu pai: o clorofórmio para o lenço que sufocará os gritos de Corina, e a tornará por minutos... insensível... a carruagem para fugir; o abrigo ermo e seguro para ocultar-me por alguns dias...

Firmino

Mas se ela morresse... se involuntariamente a matasses com a perigosa aplicação de clorofórmio...

Peregr.

Que receio incoseqüente!... Não vê que eu tenho necessidade de Corina viva?... Sei o que vou fazer.

Firmino

Tu nem calculas com a desesperada resistência da vítima!...

Peregr.

Meu pai... amanhã à noite eu me despedirei, ressentido de vossa mercê, recusando o seu desamor e revoltando-me contra a sua autoridade: naturalmente o sr. Teófilo estará aqui, e será testemunha da minha desobediência e ingratidão: um filho tão mau... um filho que desacata seu pai...

Firmino

Que queres dizer?...

Peregr.

Digo que tudo está calculado por mim, e que vossa mercê deve poupar-me às explicações. Eu

vou ser opressor... algoz durante alguns dias para ser feliz, rico e esposo estremeado toda minha vida.

Firmino

Oh, meu filho... deveras que planejamos um crime... sim... o mundo, porém, aí está erigindo altares ao ouro... a sociedade aí está honrando, purificando a riqueza ainda mesmo provinda de fontes turvas e lodosas... e escarnecendo da pobreza ou pelo menos, aviltando-a como o desvalimento do homem de honra que é pobre... Peregrino, o teu casamento lavarás a nódoa... vou... não hesito mais... vai... mas lembra-te bem: nestes casos extremos há só um crime que é imperdoável...

Peregr.

Qual?

Firmino

O malograr-se o atentado.

Peregr.

Posso contar com meu pai?...

Firmino

Farei tudo por ti.

Peregr.

Corina será sua nora. (beija a mão de Firmino)

Firmino

Julgas que desde hoje devo mostrar-me favorável ao dr. André?

Peregr.

Não, meu pai; só amanhã: é preciso não dar tempo nem aos assomos da esperança. (Silvia chega)

à frente e faz-se sentar, tossindo) Ah, chega minha madrastra: sairei sem que ela me veja. (vai-se)

Firmino

Silvia! (aparece Silvia) A senhora já entrou?...

Silvia

Entraram todos pelo jardim, onde passeiam.

Firmino

Todos quem?

Silvia

A senhora e seus filhos e o sr. Teófilo.

Firmino

Ah!... Teófilo... vou encontrá-lo...

Cena 2^a

Silvia; Suzana e Corina

Suzana

Já chegaram?... eu ouvi a voz de Júlia...

Silvia

Estão no jardim.

Suzana

Queres descer ao jardim, Corina?...

Corina

Para que, tia Suzana?... Esperemo-los aqui...

Cena 3^a

Suzana: Corina: Teodora: Silvia que se retira

Teodora

Tia Suzana! Adeus Corina: (tirando o chapéu e a manta) você guarda [*sic*] isto (a Silvia que vai-se), passei pelo seu quarto, tia Suzana... (ansiosa)

Suzana

Sáímos dele agora mesmo...

Teod.

Escutam: tia Suzana, eu imponho segredo: se falar, me fará mal: Corina será discreta: é de seu interesse.

Corina

Meu Deus!

Teod.

Resistam, oponham-se à partida para a chácara do Andaraí... não vão... resistam...

Suzana

Por que?...

Teod.

Peregrino, o meu nobre enteado preparou um plano para o rapto de Corina... e este desterro para a chácara isolada... deserta...

Corina

(abraçando-se com Suzana) Oh!

Suzana

E Firmino?

Teod.

É pai e ambicioso, como sou mãe, e fui má: não tenho o direito de acusá-lo... perdão para ambos!... e agora...

Suzana

Agora é o crime que provocou a vingança do senhor!...

Teod.

Silêncio, minha tia; façam o que disse: resistam ambas: não vão para a chácara... mas... segredo: volte para o seu quarto e leve consigo Corina... depressa... não me convém que nos achem conversando...

Suzana

Por que tem medo de fazer o bem?...

Teod.

Oh! depois direi, confessarei tudo: retirem-se... depressa... já sinto passos. Deixem-me só...

Corina

Tia Suzana! vamos... (levando-a)

Suzana

(indo e apontando para Teod.) Ali também há pecado, Corina!... (vão-se)

Teod.

(caindo em uma cadeira) Ah!... (levanta-se risonha à chegada dos que entram)

Cena 3^a

Teodora: Júlia: Teóf.: Carlos: Firmino

Firmino

(a Teodora) Eu saí por uma porta e tu entraste por outra.

Teod.

A procurar-me?... Foi o que me aconteceu, procurando-te: quando entrei por uma porta, tinhas saído pela outra.

Firmino

Ao menos voltaram mais cedo do que eu esperava e com o melhor dos nossos amigos.

Teod.

E apanhado por feliz acaso: está escrito que Júlia é a mais ditosa das criaturas. (sentam-se)

Júlia

Nem tanto; pois que a minha companhia não pode vencer de todo a preocupação amarga do senhor Teófilo.

Teóf.

Eu protesto: trazia sobre o coração o peso de grande desgosto e quase que o esqueci, achando-me a seu lado...

Júlia

Devo perdoar-lhe o quase?...

Teóf.

Deve; porque o desgosto era profundo, e o seu prestígio fez-me alegre...

Júlia

Oh, não! O seu olhar e a sua voz foram os bálsamos milagrosos que me curaram a ferida: a sua virtude e consolação angélica que me afoga a lembrança de uma ação indigna de um atentado horrível, que embora me sejam estranhos, abriga a minha reprovação e o meu aborrecimento.

Firmino

Um segredo?...

Teóf.

Que não é meu, e que posso docemente esquecê-lo aqui.

Firmino

Santas palavras! Janta hoje conosco?

Júlia

Janta, sim: e eu hei de obrigá-lo a não pensar mais nesse ruim segredo: serei capaz de consegui-lo?

Teóf.

Pergunta se pode fazer o milagre depois de tê-lo feito? O que de resto me preocupa é o meio de vê-la aflita por sua vez.

Júlia

Como? Por que?...

Teóf.

Porque se chegar a saber do que se sabe, há de revoltar-se ainda mais do que eu...

Teod.

Algum fato escandaloso...

Júlia

Nada há de triste ou de desairoso que possa ter comigo relação...

Teóf.

Oh, certamente; mas os corações generosos choram os males, os martírios alheios como se fossem próprios.

Júlia

Os martírios!!!

Cena 4^a

Teod: Júlia: Firmino: Carlos: Teófilo: e um criado que

traz uma carta

Criado

Pelo correio urbano uma carta para sr.^a Suzana. (Teófilo e Júlia conversam)

Teod.

Uma carta para minha tia!... Que novidade!...

Firmino

(tomando a carta e a Teodora) Não conheço a letra do subscrito.

Teod.

Nem eu.

Firmino

(a Teod.) Desconfio desta carta: não a devemos entregar.

Teod.

(a Firmino) Cuidado! Teófilo está presente e talvez nos observe... não seria bonito...

Firmino

(ao criado) Leva a carta à sr.^a d. Suzana. (vai-se o criado) É a primeira vez que a nossa velha tia recebe carta pelo correio... o fato nos tornou curiosos.

Teóf.

Ah!

Carlos

D. Corina será a primeira a ler a carta; porque sempre que se acha com a tia Suzana é a sua leitora obrigada.

Teóf.

Então d. Corina vive confinada aos cuidados da sr.^a d. Suzana?

Teod.

Apenas quando saímos sem ela: fora desses casos vive sempre com Júlia, de quem nunca se separa.

Teóf.

Perdão... escapou-me uma pergunta indiscreta.

Firmino

Oh, não houve indiscrição... (conversa com Teodora)

Júlia

Pergunte-me tudo: desejo e estimo que conheça toda a nossa vida.

Teóf.

(baixo) Deveras d. Corina é aqui sua companheira inseparável?

Júlia

De dia sempre juntas estudando ou brincando; à noite dormimos na mesma sala.

Teóf.

E que pensa de d. Corina?...

Júlia

É tão bonita, como boa.

Teóf.

(baixo e sério) Em tudo soa igual?

Júlia

(estremecendo de leve) Senhor! Tão pura como eu.

Corina

(dentro, grito pungente) Oh!...

Júlia

Um grito de Corina!... (em pé)

Teod.

Que será?... (querendo ir)

Firmino

Vamos ver... (indo)

Cena 5^a

Teodora - Júlia - Firmino - Carlos - Teófilo - Corina e

Suzana que a segue tendo na mão uma carta aberta

Corina

(Em desespero e pranto) Justiça de Deus!... Oh... justiça!...

Firmino

Teodora

Carlos

Júlia

Que é?...

Corina

É o horror... a infâmia! (vendo Teóf.) Oh!... Senhor Teófilo, é falso, é falso é falso... (afoga-se em pranto)

Firmino

(a Suzana) Que foi isto?...

Suzana

A serpente da calúnia mordeu-a no seio virginal.

Firmino

Minha filha!...

Suzana

Não é sua filha, é sua vítima!

Teod.

Minha tia, não estamos sós...

Suzana

Que todos me ouçam! Esta inocente menina é uma vítima, para quem dois abismos estão cavados pelo crime: um deles se preparava na chácara maldita, para onde não irei, nem ela irá...

Firmino

Senhora... senhora...

Suzana

O outro é a difamação aleivosa, com que para arredar o mancebo honesto que o céu lhe destina para esposo atacam, despedaçam o seu crédito, e com a mais vil calúnia ultrajam a sua pureza!...

Júlia

Corina!... A pureza de um anjo. (abraça Corina)

Firmino

Senhor Teófilo, não posso explicar o que diz esta senhora... sou alheio a tudo... minha pupila está consternada: enquanto me informo do que se passa, ela vai recolher-se ao seu quarto.

Teóf.

Não, senhor Firmino; o assunto é gravíssimo: trata-se da honra de sua pupila, e ela deve estar presente ao processo e à sentença. Aquela carta é do doutor André de Araújo que nela expôs à protetora de d. Corina horríveis informações que recebeu hoje em outra carta anônima.

Firmino

(tomando a carta da mão de Suzana) Quero ver... (lê) Corina... amante de Peregrino!... Oh!... como isto é inf... (encarando Teodora) Eu juro que é falso!

Júlia

(com veemência) Que aleive infernal! Que perversidade!... Veja, minha mãe! Veja aquela carta!...

Teodora

(luta íntima) Já sei tudo... delírio de ambição...

Júlia

Perversidade!... veja!...

Teodora

Oh, minha filha... sim... perversidade... perversidade... e castigo de Deus!... (Senta-se à mesa e escreve agitada duas cartas)

Suzana

Mas a honra de Corina?... Quem a caluniou?... Quem lhe arma traição? É preciso tudo patente e

claro, ou eu sairei à rua, e bradarei pela justiça da terra!

Carlos

Sim; porque eu também maldigo do caluniador e quero minha reputação ilesa: qual é o crime que se preparava na chácara?... Devo saber...

Firmino

É inútil e imprudente explorar seguidos sinistros, ou suspeitas indecorosas: a partida para a chácara não se efetuará: deixemos isso de parte... está acabado: já tenho confusão e vergonha de sobra...

Teóf.

Sim; esqueçamos o mistério da chácara: seja o que for, esqueçamo-lo pelo brio da família a que vou pertencer; a carta anônima, porém, compromete o nome e a honra de uma donzela inocente... ei-la em torturas de aflição...

Júlia

Minha Corina! Minha irmã...

Suzana

Cada tormento da inocência vale uma coroa no céu. Levanta a cabeça menina!

Corina

Quando minha mãe morreu, eu tinha seis anos: ela me chamou para junto de si... olhou-me... disse chorando: “pobre mártir”... e em um beijo — o último — exalou a vida nos meus lábios. Quando meu pai morreu, eu tinha dez anos... em seu agonizar... (a Firmino) o senhor estava lá... ele lhe disse: —seja-lhe pai, meu amigo! Lembra-se?... Depois encostando a cabeça no meu seio... murmurou quase já sem voz —coitadinha! — e... (em pranto) adeus, meu pai... adeus, meu pai!...

Júlia

Corina!... (chorando)

Corina

Palavras proféticas de minha mãe e de meu pai: previram na hora da morte: — pobre mártir, coitadinha — eis o que sou. (Júlia abraça-a)

Teodora

(da mesa) Carlos! (Carlos chega-se) Por todo o amor que me deves, por compaixão ao menos, vai a correr e entrega estas duas cartas... depressa... tu sabes onde... aí vai indicado no sobrescrito de ambas: uma no escritório comercial: a outra é para Estefânia: corre, meu filho; eu te peço que corras.

Carlos

Sim, minha mãe... seja o que for... devo correr. (vai-se)

Teod.

(à Corina, pondo-lhe a mão no ombro) Corina!... Tu és inocente e casta, como Júlia! A calúnia será destruída...

Teóf.

D. Corina, tranquilize-se: ninguém crê nessa aleivosia satânica; ninguém a ofenderia com uma suspeita, ou eu faria ajoelhar a seus pés o miserável ofensor.

Corina

(levantando a cabeça) Mas a aleivosia feriu a triste órfã; e que ela diga mil vezes — é falso — a malícia de uns... a simples dúvida de outros, abafadas, embora no silêncio, estarão sempre a procurar a mancha negra no véu branco da donzela... oh!... Uma pobre menina que já não tem pai, nem mãe, devia ser objeto da compaixão de todos!... Como é que me assassinam assim!...

Firmino

Corina... minha filha...

Corina

(forte) Sua filha?... E a minha reputação?... Oh!... Tome para seu filho toda a riqueza que meus pais me deixaram; mas eu quero insuspeita a minha honra: eu quero!... Meu tutor! A honra da sua pupila?... Amigo suposto de meu pai! A honra da filha do seu amigo?... Meu Deus!... (com desespero) A minha pureza aos olhos do mundo?... Eu sou inocente!... Sou inocente!...

Cena 6ª

Teodora - Júlia - Corina - Suzana - Teófilo - Firmino -

Criado que logo se retira - e André

Criado

O senhor doutor André de Araújo pede para ser recebido. (sensação geral)

Corina

Oh! (cobrindo o rosto com as mãos)

Firmino

Dá-lhe entrada.

Suzana

(à Corina, apertando-lhe as mãos) Filha! Tem fé!...

Criado

(da porta) O senhor doutor André de Araújo. (vai-se —cumprimento geral)

Firmino

Tenha V.S.^a a bondade de sentar-se.

André

V.S.^a me desculpe: sou um cavalheiro que profundamente ofendido vem dar e exigir contas.

Firmino

Exigir?...

André

Amo sua pupila e por ela autorizado, pedi-lha em casamento: V.S.^a negou-ma: não quero esclarecer o motivo; sou, porém, tão conhecido e, direi, tão estimado nesta capital, que ter-me-ia sido fácil obrigá-lo a sujeitar-se ao que me recusou.

Firmino

Senhor doutor...

André

Não quis fazê-lo: confiando plenamente na senhora que amo, preferi esperar a expô-la e expor-me às discussões públicas sobre a noiva em depósito e o casamento com intervenção da autoridade. Eu desejava receber minha esposa no altar, sem notoriedade de oposição e de contendas; para que não atacasse de leve nem o mais rápido olhar de reparo injustamente malicioso. V.S.^a me obrigou ao contrário.

Firmino

Tutor de Corina, só darei ao juiz dos órfãos contas do meu proceder, enquanto ela for solteira, e de sua fortuna a seu marido logo que se case. Não tenho a honra de ver em V.S.^a nem juiz, nem marido.

André

Venho da casa do juiz dos órfãos que condenando a recusa, com que V.S.^a me repeliu, ofereceu-me toda ação da sua autoridade e nem para isso precisei mostrar-lhe o que o meu amor e o santo pudor de sua honestíssima pupila impunham-me o dever de ocultar. V.S.^a sabe o que é...

Firmino

Mas ignoro ainda o fim da acerba visita de V.S.^a

André

Exigir explicações desta carta anônima, caluniosa e malvada que hoje recebi. (apresenta a carta) Tenha a bondade de lê-la! V.S.^a, como tutor, tem obrigação de destruir torpes falsidades e de vingar a honra ultrajada da sua pupila. Senhor Firmino! Vim pedir-lhe... quero o nome do difamador aleivoso... quero-o! porque em falta do tutor... eu, o noivo de Corina, tenho o direito e o dever de punir o miserável...

Teóf.

André!...

Firmino

V. S.^a. certamente não teve a idéia de referir-se a mim, quando pronunciou as palavras difamador e miserável...

Teóf.

É preciso não esquecer que ele ama d. Corina, e que o seu coração deve estar abrasado de cólera... André! André!...

André

(a Firmino) Eu não estaria falando a V.S.^a se o julgasse autor desta afronta: as culpas do tutor são grandes... mas são outras: tenha a bondade de ler. (apresenta a carta)

Firmino

Uma carta anônima rasga-se e despreza-se.

André

Mas eu li esta carta, senhor! V.S.^a deve lê-la também! Ela mancha a sua casa... traz uma nódoa para a sua família... deve lê-la...

Firmino

V.S.^a tem necessidade de acalmar-se: quero ceder... lerei este vergonhoso escrito. (recebe a carta e lê: Teóf. procura sossegar André: comoção geral)

Cena 7^a

Teodora - Júlia - Corina - Suzana - Teófilo - Firmino -

André e Peregrino

Peregrino

(indo a Júlia) Que é isto aqui por casa?

Júlia

(a Pereg.) Começo a crer que é a providência que vai entrar nela.

Peregr.

(a Júlia) A providência? Não conheço tal senhora.

Júlia

(a Pereg.) Pois talvez tenhas de sentir que ela te conhece.

Firmino

(rasgando a carta) É uma falsidade indigna que, despedaçada pelo desprezo, o meu criado varrerá do chão.

André

Mas eu não posso prescindir do nome e da confissão do caluniador!...

Cena 8ª

Teodora - Júlia - Corina - Suzana - Teófilo - Firmino -

André - Peregrino - Carlos - Estefânia e Simão de Souza

Carlos

E ei-los aqui minha mãe.

Teodora

(correndo a porta) Bem-vindos sejam! (toma as mãos de Estef. e Simão, vem com eles à frente) Senhor doutor André de Araújo, quer o nome e a confissão do caluniador?... (ajoelha-se) a caluniadora fui eu! Mas que castigo! Meu filho, sem o pensar, maldisse de mim; minha filha, sem o pensar, chamou-me perversa! (comoção dos filhos) Deus puniu a mãe com a sentença dos filhos!...

Estef.

Teodora... eu não compreendo...

Simão

E eu ainda menos...

Teodora

Com o fim de arredar pretendentes de Corina, a quem eu por vil ambição destinava para a esposa de meu filho, disse em pérfido segredo a Estefânia e ao s^r. Simão de Souza que essa aliás, virtuosa donzela, entretinha relações secretas... era... oh!...perdão!... Estefânia! Senhor Simão de Souza! Eu menti!... caluniei a pupila do meu marido!... Perdão... oh... e tu, Corina, pelo amor de Deus, perdão... (chorando)

Corina

(Correndo a ela) Minha mãe... eu lhe perdôo e a amo!... (abraça Teod - Carlos e Júlia vão levantar Teod: Carlos beija a mão de Corina)

Firmino

Basta, Teodora.

Teodora

Não: confessei o meu crime; não carregarei, porém, com o de outrem. Eu não fui autora da carta anônima, em que se explorou a minha calúnia; não fui: juro-o!...

André

Quem foi então o desgraçado?...

Carlos

(olhando Peregr) Se ele está presente, e não ousa declarar-se, é muito infame!... (confusão de Peregrino)

Teodora

(com os olhos em Peregrino) É muito infame!

Corina

(voltando o rosto com desprezo) É muito infame!...

André

(olhando Peregr.) Por minha voz... é muito infame!... (silêncio) Segue-se que o criminoso não nos ouve; porque o último dos homens saberia responder à provocação que lhe atiro ao rosto, como se fosse uma bofetada!...

Peregr.

(Trêmulo e furioso) Meu pai... o insulto é a mim...

Firmino

(a Peregrino) Sim... é... mas, se não sabes matar... sabes morrer, ou abisma-te na terra... sai!... Retira-te! (vai-se Peregrino)

André

(vendo Peregrino sair) Senhor Firmino, estou satisfeito.

Firmino

Eu não o estou: Corina é sua noiva: a solene confissão de minha mulher lavou-a da nódoa do aleive; mas a carta anônima, ignóbil, embora, foi escrita por meu filho, e os insultos e a bofetada que o senhor lhe atirou ao rosto, aqui estão queimando a face do pai! O tutor cedeu..., o homem revoltou-se, o pai exige desafronta...

Suzana

Perdão a todos em nome de Deus!...

Teóf.

André, meu amigo!...

Corina

André!...

André

Peço ao pai que me desculpe das injúrias que dirigi ao filho... esqueçamos tudo... (oferece a mão a Firmino)

Teod.

Firmino, fomos tão culpados!... (Firmino imóvel)

Júlia

Meu pai, o esquecimento do passado é o futuro cheio de flores para a sua Júlia.

Teóf.

Senhor Firmino...

Suzana

És tu, Firmino, que precisas tanto do perdão e da misericórdia do Senhor!...

Firmino

É assim: foi a providência que me castigou em meu filho... senhor doutor... perdoe-nos todos. (dá a mão a André que a aperta)

Júlia

(correndo a Corina) Corina! (abraça-a) Portanto não tenho de esperar um ano! Papai; é claro que tudo acabou o melhor possível!

Fim da Comédia